

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL  
- PLAGEDER**

**FLÁVIA SUZANA BORK**

**CARACTERIZAÇÃO DA PERSEPCÃO DOS ASSOCIADOS NA SUA RELAÇÃO  
COM A COOPAR – Cooperativa Mista de Pequenos Agricultores da Região Sul.**

**São Lourenço do Sul,**

**2011**

**FLÁVIA SUZANA BORK**

**CARACTERIZAÇÃO DA PERSEPCÃO DOS ASSOCIADOS NA SUA RELAÇÃO  
COM A COOPAR – Cooperativa Mista de Pequenos Agricultores da Região Sul.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tanice Andreatta  
Coorientadora: Tutora Daniela Oliveira

**São Lourenço do Sul**

**2011**

**FLÁVIA SUZANA BORK**

**CARACTERIZAÇÃO DA PERSEPCÃO DOS ASSOCIADOS NA SUA RELAÇÃO  
COM A COOPAR – Cooperativa Mista de Pequenos Agricultores da Região Sul.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Tecnológico em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como quesito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: São Lourenço do Sul, 30 de Maio de 2011.

---

Profª. Tanice Andreatta - Orientadora  
UFRGS

---

Profª. Fernanda Bastos de Mello  
UFRGS

---

Profª Patrícia Binkowski  
UFRGS

Dedico este trabalho aos meus pais, Leomar e Vera Maria Bork, pessoas queridas, que são à base da minha vida e dão o exemplo para eu seguir.

## **AGRADECIMENTO**

A todos que contribuíram para desenvolver este trabalho, mas principalmente, pelas contribuições anteriores, para chegar ao momento de realizá-lo...

Quero agradecer primeiramente a meus pais e avós, pois suas contribuições de vida e de aprendizado são indiscutivelmente as mais importantes e que carregarei para o resto da minha vida. As minhas irmãs que são verdadeiras amigas e companheiras. Dessa forma a minha família, mesmo sem gostar muito dos meus estudos, sempre me apoiou e me deu o suporte que necessitava para seguir meus sonhos.

Aos meus tios Alcindo e Maria Janeti Bork juntamente com o meu priminho Kauan que dividiram o espaço de sua casa para que eu pudesse estudar e trabalhar.

Aos meus amigos de sempre, aqueles de festas e farras, de choros e inseguranças, em especial a Jociane, por todo o apoio no decorrer do curso e da minha vida.

Aos meus colegas que se tornaram amigos: do ensino médio da Escola Rodolfo Bersch, do estágio realizado no Setor Financeiro da Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul, do Curso de Administração, do IBGE (Censo 2007 e 2010) e da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural de São Lourenço do Sul.

A UFRGS pela oportunidade de realizar um curso gratuito em uma renomada instituição, a todos os professores e tutores, em especial a prof<sup>a</sup>. Tanice Andreatta e a tutora Daniela Oliveira, ao Pólo EAD de São Lourenço do Sul por todo o suporte nas inúmeras descobertas virtuais, ao Tutor presencial Gilberto e aos colegas Plagederianos que por inúmeras vezes me deram apoio para continuar firme no curso, principalmente a Edilene e o Zoel.

A Coopar, dirigentes e funcionários, mas principalmente, a todos os associados que me acolheram em suas casas para prestar as informações necessárias para o desenvolvimento desse trabalho.

Tenho que ressaltar um agradecimento mais do que especial a Deus por ter me dado forças, determinação e perseverança para poder chegar até aqui, além de ter me abençoado com uma família maravilhosa, amigos incríveis e uma boa saúde, fazendo com que a árdua caminhada fosse menos difícil e mais prazerosa.

Obrigada a todos!!!!!!

Senhor dá-me serenidade para aceitar tudo aquilo que não pode e não deve ser mudado. Dá-me força para mudar o que pode e deve ser mudado. Mas, acima de tudo, dá-me sabedoria para distinguir uma coisa da outra.

Autor Desconhecido

## SUMÁRIO

**LISTA DE FIGURAS**

**LISTA DE QUADROS**

**RESUMO**

**ABSTRACT**

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. COOPERATIVISMO.....</b>	<b>13</b>
2.1. ASPECTOS HISTÓRICOS DO COOPERATIVISMO.....	13
2.2. CONCEITOS, FUNÇÃO, POTENCIALIDADES E DIFICULDADES DE ARTICULAÇÃO DO COOPERATIVISMO.....	15
2.3. PERCEPÇÃO, CONCEPÇÃO E VISÃO.....	20
<b>3. METODOLOGIA DE PESQUISA.....</b>	<b>22</b>
3.1. AS ETAPAS DA PESQUISA.....	22
<b>4. MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL.....</b>	<b>26</b>
<b>5. COOPAR.....</b>	<b>30</b>
<b>6. RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE OS ASSOCIADOS E A COOPAR.....</b>	<b>35</b>
6.1. PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....	35
6.2. RELAÇÃO COMERCIAL ENTRE OS ASSOCIADOS E A COOPAR.....	40
6.3. PARTICIPAÇÃO.....	44
6.4. MUDANÇAS PARA OS ASSOCIADOS.....	49
6.5. PERCEPÇÃO DOS ASSOCIADOS DA COOPAR.....	51
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

**APÊNDICE**

A - FOTOS DA COOPAR

B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

C – TERMO DE CONSENTIMENTO

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 01. São Lourenço do Sul, com a localização da Coopar.....	26
FIGURA 02. Coopar via Google Earth.....	31
FIGURA 03. Caracterização dos associados entrevistados.....	36
FIGURA 04. Escolaridade dos associados entrevistados.....	37
FIGURA 05. Situação fundiária dos associados entrevistados.....	38
FIGURA 06. Produtos agropecuários na propriedade dos associados entrevistados.....	39
FIGURA 07. Tipo de produção dos associados entrevistados.....	40
FIGURA 08. Tempo (anos) de associação dos entrevistados na Coopar.....	41
FIGURA 09. Participação dos entrevistados na Administração da Coopar.....	44
FIGURA 10. Interesse dos entrevistados em participar da Administração da Coopar.....	45
FIGURA 11. Conhecimento dos entrevistados do Estatuto e dos Conselheiros da Coopar.....	46

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 01. Média das razões para os entrevistados se associarem na Coopar.....	42
QUADRO 02. Média de participação dos entrevistados.....	48



## RESUMO

O cooperativismo é um movimento que visa fortalecer o desenvolvimento econômico com o bem estar social local, tendo como base a participação democrática, a solidariedade, a independência e a autonomia. As cooperativas tem se tornado uma alternativa de desenvolvimento socioeconômico, principalmente para as populações do meio rural. Esta pesquisa tem como objetivo caracterizar a percepção dos associados nas relações sociais entre os associados e a cooperativa e visa identificar as limitações (dificuldades) e potencialidades (oportunidades), bem como as mudanças para os associados decorrentes da apropriação das informações disponibilizadas e discutidas com essa organização. Para alcançar os objetivos propostos, foi realizado um estudo de caso de abordagem quantitativa e qualitativa, utilizando-se de pesquisa de campo, entrevistas e conversas informais junto a 17 (dezesete) produtores associados, conversas com representantes da Coopar e de envolvidos com o cooperativismo no município de São Lourenço do Sul. Nesse sentido observou-se que as relações sociais entre os associados e a Coopar apresentam algumas potencialidades (oportunidades) e limitações (dificuldades). Entre as potencialidades destaca-se o crescimento estrutural (econômico) que beneficia a comercialização, sendo uma importante intermediadora comercial, na aquisição dos insumos e para escoar a produção, além da infraestrutura que disponibiliza, pois esse investimento seria inviável para o produtor individual; já entre as limitações há que considerar a baixa participação ativa dos associados.

Palavras – chaves: Cooperativismo, organização e participação.

## ABSTRACT

Cooperative is a movement which aims at strengthening the economic development with the local social well-being, based on democratic participation, solidarity, independence and autonomy. The cooperative businesses have become an alternative for social economic development, specially for populations from the rural environment. This research aims at characterizing the perception of cooperative members in the social relations between them and the cooperative business and focus at identifying the limitations (difficulties) and the potential (opportunities), as well as changes for members resulting from the appropriation of information made available and discussed with this organization. To reach the proposed purposes, a case study of quantitative and qualitative approach was performed, making use of a survey, interviews and informal talks with 17 (seventeen) associated producers, talks with representatives from Coopar and people involved with cooperative in the town of São Lourenço do Sul. Therefore, it had been noticed that the social relations between the members and Coopar present some potential (opportunities) and limitations (difficulties). Among the strengths, we highlight the structural growth (economic) which benefits trading, being an important commercial mediator, in the acquisition of inputs and to ensure the production is sold, besides the provided infrastructure, as this investment would not be affordable for the individual producer. Concerning the limitations, it is necessary to mention the low active participation of the members.

Key words: Cooperative, organization and participation.

## 1. INTRODUÇÃO

A Revolução Verde<sup>1</sup> causou impactos na agricultura e principalmente para os agricultores familiares que ficaram taxados como atrasados e desinformados, principalmente aqueles que não adotaram os pacotes tecnológicos da época. A centralidade dos extensionistas rurais na modernização da agricultura consistia em incentivá-los a adotar os diversos pacotes tecnológicos, a motivação para a adoção era melhorar os índices de produção e produtividade, condição necessária para o desenvolvimento econômico. As mudanças ocorridas na agricultura brasileira, a partir da Revolução Verde, trouxeram impactos em diferentes planos, ou seja, nos planos - social, econômico e ambiental. Conforme Wojahn e Martinez (2008), essas mudanças são:

No plano econômico, temos o aumento à produção e produtividade, o uso intensivo de bens de capital, como máquinas, adubos químicos, agrotóxicos e sementes alteradas geneticamente. No plano social destacou-se o êxodo rural, o surgimento de categorias sociais bem definidas: o empresário rural, o agricultor familiar capitalizado, o agricultor familiar descapitalizado e em processo de exclusão, meeiros, parceiros, sem-terra e um contingente de trabalhadores assalariados. No plano ambiental, o modelo tecnológico acelerou a destruição de importantes ecossistemas como o cerrado, o pantanal e ultimamente avançando sobre a região amazônica e o pampa gaúcho (WOJAHN; MARTINEZ, 2008, p. 05).

Também pode ser considerado no plano social, a falta de acesso à informação, o interesse dos produtores em buscá-la e participar de aspectos pertinentes, como as políticas públicas, leis ambientais, inovações tecnológicas, novas práticas agrícolas. A reflexão dos produtores sobre a veracidade das informações e como ele se apropria delas são importantes para a participação ativa na sociedade. Conforme Abramovay, Magalhães e Schroder (2010), essa participação é necessária para o desenvolvimento territorial.

Desenvolvimento territorial supõe a participação organizada de atores sociais na tomada de decisões quanto ao uso dos recursos públicos e, em grande parte, também privados de uma região. Apesar das evidentes virtudes democráticas dos processos participativos amplia-se recentemente a literatura crítica que coloca em dúvida seus resultados. Organizações oriundas de movimentos sociais são protagonistas decisivos de processos participativos (ABRAMOVAY; MAGALHÃES; SCHRODER, 2010, p.1).

---

<sup>1</sup> “A Revolução Verde, além de exigir capital e ser poupadora de mão-de-obra, dependia de recursos externos à propriedade, exigindo uma escala mínima de produção, o que consequentemente acarretou na exclusão de muitos agricultores familiares” (Maia, 2008, p. 13).

Atualmente, uma das melhores formas dos agricultores se defenderem e conseguirem progredir no competitivo mundo dos negócios e da vida é através da união entre pessoas que tenham um ideal comum; isto é, a união de pessoas em associações e/ou cooperativas. De um modo geral, estas entidades podem servir como instrumentos de revitalização de sentimentos tão esquecidos como solidariedade, companheirismo, divisão do conhecimento e da sabedoria na intenção de intervir na realidade de forma organizada.

A união e a organização das pessoas em grupos maiores facilitam a busca e o acesso a políticas públicas, o poder de barganha frente a outras organizações, a construção e a defesa de princípios da comunidade.

A constituição de associações e de cooperativas tem como finalidade lutar e defender os objetivos de um grupo, no contexto da agricultura, principalmente da agricultura familiar. Essas organizações podem representar mudanças sociais locais, fazendo com que os atores sociais tomem consciência (se apropriem) de seus direitos e deveres frente à sociedade, ou se acomodem ainda mais, por ter quem represente e lute por eles.

Cooperativismo é um movimento, filosofia de vida e modelo socioeconômico capaz de unir desenvolvimento econômico e bem estar social. Seus referenciais fundamentais são: participação democrática, solidariedade, independência e autonomia (...). É o sistema fundamentado na reunião de pessoas e não no capital. Visa às necessidades do grupo e não do lucro. Busca prosperidade conjunta e não individual. Estas diferenças fazem do cooperativismo a alternativa socioeconômica que leva ao sucesso com equilíbrio e justiça entre os participantes (OCB, 2008 *apud* FACHIN, 2009, p. 41).

Cooperativa é “um grupo de pessoas, grande ou pequeno, comprometido na ação conjunta, baseadas na democracia e no esforço próprio, visando prestar um serviço ou concretizar um acordo econômico, que seja socialmente desejável e proveitoso para todos os seus participantes” (LAIDLAW, 1981, *apud* SCHNEIDER, 2004 p.14).

De acordo com LOPES (2006), no Brasil, “segundo José Paulo Ferreira, presidente da Unicafe, hoje (2006) existem no Brasil 25 mil cooperativas”, atuando em diversas áreas, tais como: de trabalho, de crédito, de agricultura e existem inúmeras associações em atuação, também nas diversas áreas.

Neste sentido, esta pesquisa tem como tema o cooperativismo e trata mais especificamente da visão dos produtores associados na Cooperativa Mista de Pequenos Agricultores da Região Sul (Coopar), com a matriz localizada na Boa Vista, São Lourenço do Sul – RS.

A Coopar localiza-se em Boa Vista – 6º Distrito, de São Lourenço do Sul – RS, foi fundada no ano de 1992 por 41 sócios fundadores. No final do ano de 2010 contava com 2430

associados ou famílias associadas em seu quadro social. A cooperativa trabalha com diversos produtos tais como: milho, soja, feijão, batata inglesa, batata doce, leite e a comercialização de insumos agrícolas (agrotóxicos, adubos, sementes, ferramentas...), rações animais e insumos veterinários.

Em linhas gerais os produtores rurais enfrentam dificuldades para ganharem espaço no mercado, dificuldades frente à definição dos preços de seus produtos, aos altos custos dos insumos, tecnologias necessárias para uma alta produtividade, a intensificação das formas capitalistas e do individualismo das pessoas. Neste sentido, propõe-se como problema de pesquisa o seguinte questionamento: Como os produtores rurais de São Lourenço do Sul, associados da Coopar percebem os processos de atuação da Cooperativa, bem como, se percebem dentro destes processos de participação na organização da cooperativa?

Esta pesquisa tem como objetivo geral caracterizar a percepção dos associados nas relações sociais entre os associados e a cooperativa, buscando identificar as limitações (dificuldades) e potencialidades (oportunidades), bem como as mudanças para os associados decorrentes da apropriação das informações disponibilizadas e discutidas com essa organização. Já os objetivos específicos utilizados para fundamentar a análise do objetivo geral são: a) apresentar uma revisão bibliográfica sobre cooperativismo; b) apresentar uma análise sobre o município e seus aspectos históricos, culturais e geográficos; c) caracterizar as relações sociais existentes entre os associados e a Coopar visando identificar as limitações e potencialidades dessas relações nos processos de participação que ocorrem.

A justificativa desta pesquisa está na importância de se abordar o papel que o cooperativismo representa e/ou poderia representar para os produtores associados e para o desenvolvimento social e econômico do local em que está inserida. Por outro lado, este trabalho pode apresentar elementos importantes, assim como servir de referência para que, em trabalhos posteriores, se proponha mudanças que visam fortalecer os pontos positivos e reduzir as dificuldades (se houverem) da cooperativa, contribuindo para o desenvolvimento rural em São Lourenço do Sul e em outras localidades.

Este município foi escolhido para a realização da pesquisa uma vez que o setor primário, basicamente a agricultura familiar, possui importância econômica significativa para o município; por ter um número considerável de cooperativas que atuam neste segmento; pela necessidade de se realizar pesquisas no município, uma vez que são poucos os estudos nessa área, principalmente no que se refere à percepção dos agricultores. Por outro lado, cabe ressaltar uma motivação especial, já que a pesquisadora conhece essa área por residir e ser

filha de produtores da agricultura familiar, os quais são associados em diversas organizações locais (cooperativas, associações e sindicatos).

A escolha da Coopar para o estudo de caso se deu pelo fato da autora da pesquisa ser filha de associados da respectiva cooperativa e por já ter feito o Estágio Supervisionado II (DERAD 22) neste local. Por fim, cabe enfatizar o crescimento estrutural significativo desta cooperativa nos últimos anos e sua importância para a economia regional e local.

## 2. COOPERATIVISMO

A temática do cooperativismo é vasta e ao mesmo tempo complexa. Existem muitos conceitos a cerca do cooperativismo; em alguns casos há algumas contradições entre os autores. Neste sentido, este capítulo consiste em uma revisão sobre o cooperativismo: principais conceitos, os aspectos históricos, a função, as potencialidades e dificuldades de articulação do cooperativismo. Também é considerado um item a respeito de questões a cerca da noção de percepção.

### 2.1. ASPECTOS HISTÓRICOS DO COOPERATIVISMO

Cooperar vem do latim *cooperari*, que significa operar junto com alguém, prestar auxílio para um fim comum. Já em cooperativismo, o sufixo *ismo*, de origem grega, denota sistema, doutrina e também estado ou situação. Portanto, cooperativa significa aquela que coopera (PEREIRA, 2008, p.10).

O surgimento do cooperativismo, nos moldes atuais, segundo os autores Wojahn e Martinez (2008) e Maraschin (2004), ocorreu na Inglaterra em 1844, na cidade de Rochdale. A partir da união de 28 tecelões, que depois de um ano de negociações e onde cada um juntou uma libra esterlina, foi fundada uma cooperativa de consumo, o armazém “Beco do Sapo”. Essa articulação foi um mecanismo que os trabalhadores encontraram para se defenderem contra os altos custos desses produtos naquele período de intensas mudanças com a Revolução Industrial.

De acordo com os autores citados anteriormente, esta cooperativa elaborou um estatuto com os princípios que norteiam até hoje o cooperativismo. O documento redigido sob a denominação de “Estatuto dos Probos Pioneiros de Rochdale” tinha como princípios: adesão e desligamento livre; neutralidade política e religiosa; pagamento de juros limitado ao capital; distribuição dos ganhos proporcionalmente entre os associados, conforme suas operações; estabelecimento de quotas de reserva para o aumento do capital, intercooperação e educação

cooperativista para preparar as futuras gerações e a continuidade do sistema; gestão democrática (uma pessoa = um voto); vendas a vista dos bens de consumo.

Pinho (1982) aponta dois períodos para o pensamento cooperativista no Brasil: um que começa com as primeiras cooperativas no século XIX e vai até 1970, dominado pelo pensamento Rochdaleano, respeitando os princípios doutrinários; e outro, a partir de 1970, quando se torna nítida a priorização do caráter empresarial das cooperativistas brasileiras (MARASCHIN, 2004, p. 28 e 29).

Isso pode ser observado na evolução das políticas públicas voltadas ao cooperativismo, dentro do primeiro período estão: “Em 1932 o governo do Estado Novo publica um decreto-lei regulamentando a constituição e funcionamento das cooperativas, seguindo os princípios Rochdaleanos” (MARASCHIN, 2004, p. 24). Segundo Pauli, (s/d), a evolução formal do cooperativismo no Brasil, se deu com a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) criada em 1969. De um modo geral, isso foi uma forma do Estado brasileiro incentivar o surgimento de cooperativas rurais para a incorporação do Brasil no capitalismo mundial, a partir da sua vocação agrícola.

As políticas públicas do segundo período é a “Lei 5764/ 1971, que define a política de cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas e dá outras providências” (PEREIRA, 2008, p.10). De acordo com Pauli, (s/d) esta lei regulamenta o cooperativismo brasileiro com uma orientação empresarial. Nos anos 80, o apoio se deu com a expansão do ciclo de soja e do pacote tecnológico da Revolução Verde.

Nos anos de 1990, foram criadas a Secretaria Nacional do Cooperativismo (Senacoop) e o Conselho Nacional do Cooperativismo (CNC). Em 1998, o governo editou a Medida Provisória nº 1.715 que criou o Programa de Revitalização das Cooperativas Agropecuárias (Recoop) e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop). O Recoop visava reestruturar econômica e administrativamente as cooperativas para que se adaptassem ao competitivo mercado e se mantessem nele. “O SESCOOP desempenha para as cooperativas o mesmo papel que o SEBRAE desempenha para as empresas” (SEBRAE MG, s/d).

“O cooperativismo no Brasil, surgiu em 1610, com a fundação das primeiras reduções jesuítas” (MEINEN, 2002, *apud* VANDERLINDE, s/d, p. 321). De acordo com Vanderlinde, (s/d), em 1847 se dá o início do movimento cooperativista no Brasil, através do médico francês Jean Maurice Faivre, que fundou no sertão de Paraná, a colônia Tereza Cristina. Já no Rio Grande do Sul, em 1902, o padre jesuíta Theodor Amstadt implantou as “caixas de crédito cooperativo”.

Segundo Maraschin (2004), a partir de 1950 as cooperativas de trigo e soja foram as que mais se desenvolveram no Estado (RS), isso com o apoio do governo, pois esses cultivos detinham o interesse econômico do Estado. Nos anos 80, muitas das grandes cooperativas entraram em crise passando por reestruturações.

Hoje, no Brasil, existem 1.519 cooperativas agropecuárias, que contam com 940.482 associados e 110.910 empregados. Estas cooperativas exportam por ano US\$1,09 bilhões, contribuindo para o desempenho positivo da balança comercial brasileira. No RS são 162 cooperativas agropecuárias, que possuem 160.040 associados e empregam 19.498 pessoas (MARASCHIN, 2004, p. 28).

Silva *et al*, 2003, realizaram um estudo regionalizado sobre o panorama do cooperativismo brasileiro. Os autores chegaram às seguintes conclusões sobre o cooperativismo da região Sul: a existência de um modo de agir coletivo, com os princípios da ação social e resulta das ações realizadas por pessoas mobilizadas a partir de um projeto que busca superar dificuldades em função de um interesse comum e mesmo sendo sem fins lucrativos, consegue ser gerador de trabalho e renda (valores do capital social).

## 2.2. CONCEITOS, FUNÇÃO, POTENCIALIDADES E DIFICULDADES DE ARTICULAÇÃO DO COOPERATIVISMO.

Existem diversos conceitos e/ou noções para cooperativa e cooperativismo, todos relativamente semelhantes. Neste item são apresentados os conceitos utilizados por alguns autores, com o objetivo de complementar a explicação a respeito. Também cabe ressaltar a utilização tanto do termo associado ou cooperado para definir o capital social da cooperativa, variando conforme as obras consultadas.

A Cooperativa é considerada uma sociedade ou empresa constituída por membros de um determinado grupo econômico ou social, que conjugando esforços e recursos, visa promover a elevação dos padrões de qualidade de vida dos que se associam sob suas regras, prestando efetivo serviço às suas comunidades e a própria sociedade (RICCIARDI; LEMOS, 2000, *apud* PEDROSO; JUNIOR, 2008, *s/p.*).

Define-se cooperativa como uma associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida (...) são criadas para servir, fornecer serviço confiável e de boa qualidade. Seu estatuto deve conter a forma como o associado participará dela, com suas obrigações e direitos. A cooperativa não deve visar o lucro, deve ter o objetivo de eliminar a intermediação entre o



associado e o tomador (GIOVANELA, 2009, p. 44).

“Cooperativas são associações de indivíduos constituindo-se numa forma de fazer existir a participação e, internamente, servir com um exercício de participação política e democrática através da autogestão” (MEISTER, 1969, *apud* GIOVANELA, 2009, p. 37). Em linhas gerais, “nesses empreendimentos econômicos, a propriedade, a gestão e a repartição são cooperativas, o que significa que os cooperados são, ao mesmo tempo, usuário e proprietário, têm o poder de decisão e distribuem de forma proporcional, ao final de cada exercício contábil, as sobras líquidas” (PANZUTTI, 2001, *apud* SCHRÖDER, 2005, p. 12).

Muitas cooperativas estão prescindindo dos objetivos básicos, tornando-se verdadeiras empresas privadas. Não há mais entre os cooperados, o espírito de coletividade, ou seja, os indivíduos economicamente mais influentes acabam por exercer funções de poder dentro da cooperativa. Com isso as atuações das organizações acabam favorecendo esses cooperados (SOARES, 1999, *apud* BARBOSA, GUIMARÃES, FRANCIS, s/d, p. 3).

As dificuldades e limitações enfrentadas pelo cooperativismo estão, basicamente no aspecto pessoal, ou do capital social da mesma. A “agricultura familiar no Brasil depende de sua capacidade de organização cooperativa. Porém, chegar à formação de Organizações Cooperativas voluntariamente organizadas e democraticamente controladas por seus integrantes continua a ser um grande desafio” (WOJAHN; MARTINEZ, 2008, p. 06). Isso ocorre em decorrência do predomínio das práticas competitivas na sociedade e do aumento do individualismo. Conforme Andrioli, (s/d):

É difícil conceber a importância da solidariedade numa sociedade marcada pela competição e pelo individualismo. Sendo que a lógica do mercado se regula pela concorrência, pela vitória de um sobre o outro, a cooperação perde o seu sentido de ajuda - mútua para se reduzir a uma mera tática de intervir no mercado: unir-se com uns para competir com outros. Assim, o desafio de construir organizações cooperativas no contexto de competição e luta desenfreada pela sobrevivência se torna bastante complicado sem um espaço de reflexão sobre o significado do ato cooperativo, da importância da convivência e da solidariedade (ANDRIOLI, s/d, p. 2).

“Para dar passos rumo a uma Cultura da Cooperação é preciso mexer com as pessoas, seus valores e atitudes. É preciso apostar em cada pessoa e nas suas potencialidades” (WOJAHN; MARTINEZ, 2008, p. 10).

Andrioli citando Marquesi relata a importância de construir uma cultura solidária.

Quando nos referimos ao sentido da solidariedade estamos nos referindo à necessidade de construirmos uma "cultura solidária" entre as pessoas, não com base no simples altruísmo ou "espírito de ajuda ao próximo", mas com significado de resistência conjunta diante de adversidades comuns e de criação de instrumentos coletivos para intervenção na realidade e superação de problemas de maneira organizada. É esse o sentido da solidariedade: a consciência de grupo diante de problemas comuns e a organização coletiva para construir

soluções (ANDRIOLI, s/d, p. 2).

Tal situação é reforçada por Lengler:

O ato de organizar-se surge da incapacidade de resolver problemas que parecem ser superiores as habilidades ou aptidões dos indivíduos. A reunião de esforços, daqueles que apresentam as mesmas deficiências, ou vivem situações semelhantes, torna-se uma forma eficaz com vistas a criar alternativas para o enfrentamento e a busca de soluções para as diversas distorções vigentes (LEGLER, 2008, p. 50).

“A solidariedade dos que enfrentam os mesmos problemas é o melhor caminho para que cada qual melhor os entenda e melhor os enfrente, não na estreiteza e no confinamento do seu eu individual, mas numa forma nova de pensar e agir: a consciência do grupo e forma de cooperação” (MARQUESI, 1978, *apud* ANDRIOLI, s/d, p. 2).

“Trabalhar em uma cultura que pressupõe cooperação é auxiliar sujeitos a se descobrirem protagonistas de suas histórias, de seus fazeres e, portanto, responsáveis perante suas escolhas” (SEBRAE, s/d, *apud* WOJAHN e MARTINEZ, 2008, p. 10).

Em todo o mundo, o cooperativismo é referência como forma de organização econômica e social, sendo que vem ampliando a sua participação na vida das pessoas. Sua missão articula e equilibra os interesses individuais e coletivos, promovendo maior inclusão das pessoas tradicionalmente excluídas do mercado e uma maior oferta de serviços e produtos a elas (RISSON, 2009, p. 09).

As potencialidades do cooperativismo são inúmeras, quando alcançados os objetivos de transformação pessoal nos associados. Como exemplo pode-se citar: “As cooperativas são uma resposta para os problemas impostos pela globalização. Por um lado, geram empregos, por outro, elas são um contrapeso à concentração de riquezas” (SCHNEIDER, s/d, p. 02).

Lengler (2008) reforça as vantagens da cooperação, tanto em associações quanto em cooperativas, pela troca de experiências, a utilização de uma estrutura comum, maior retorno financeiro para suas atividades individuais, como nesse trecho “transformar a participação individual em participação grupal e comunitária se apresenta como um propulsor” (LEGLER, 2008, p. 51).

Para Irion (1997), o cooperativismo deverá ter por base a posse privada dos meios de produção, um planejamento descentralizado e individualizado, centrado na cooperativa e no cooperado. Este é, na verdade, um empreendimento com duas faces: uma econômica, quando atua como empresa e trata da realização e controle da economia dos cooperados, e outra social, quando promove condições voltadas ao meio social dos cooperados (GIOVANELA, 2009, p. 48).

A cooperativa como empresa e com sua obrigação social com seus associados deve propiciar o ambiente de participação e confiança para que os associados possam exercer seu

direito à participação e sua obrigação como responsável pela cooperativa. Nesse sentido “cria-se o conceito de gestão participativa nas cooperativas que, para Graham, s/d, é como: “um direito igual para todos os associados em participarem da organização dos benefícios e ônus resultantes de suas decisões”” (GRAHAN, s/d, *apud* GIOVANELA, 2009, p. 37).

O sistema cooperativista na região sul assim como no país, mesmo atuando sob os limites das políticas de Estado governamentais, se evidencia como um espaço socioeconômico capaz de qualificar a cooperação pelo ato imediato de reunir pessoas e/ou forças de cada um para produzir uma força maior (SILVA, *et al*, 2003, p. 90).

Cooperativismo é um sistema econômico que utiliza a cooperação como base em todas suas atividades, com o objetivo de difundir seus ideais (defender a democracia, melhorar a distribuição de renda, promover a paz) em que se baseia para atingir seu desenvolvimento econômico e social.

“O cooperativismo, como sistema, vai além da celebração de um contrato mútuo que estabelece obrigações visando objetivos comuns” (SILVA, *et al*, 2003, p. 90), ressaltando o valor do capital social desses empreendimentos.

O volume de capital social dos empreendimentos cooperativos aponta para o aproveitamento das potencialidades atuais das comunidades de modo a não comprometer o desenvolvimento da região. (...) capital social existente na Região (Sul) que pode ser compreendido, como define Puttnan (1996), como uma amálgama de elementos como confiança, coesão social, civismo, lutas e projetos conjuntos que facilitam a cooperação para o benefício mútuo em uma sociedade (SILVA, *et al*, 2003, p. 90).

Seguindo com os dados da pesquisa desses autores, onde indicam que:

“Ser cooperativista” traduz não apenas um critério meramente econômico, mas vem junto com um “código” apreendido continuamente na prática cotidiana e que se reproduz em efeitos culturais presentes nas formas de ajuda mútua, do associativismo e da busca de autonomia na promoção do desenvolvimento local (SILVA, *et al*, 2003, p. 99).

Segundo Schneider, s/d citando diversos autores em seu estudo sobre a “Globalização, desenvolvimento local sustentável e cooperativismo” existe um leque de capitais necessários para o desenvolvimento de uma nação, uma empresa, uma cooperativa, sendo: “o capital natural (recursos naturais, terra, água), o capital físico (construções, móveis, veículos), o capital financeiro (dinheiro, ações), o capital humano (educação, saúde) e o capital social” (SCHNEIDER, s/d, p. 3). Os quatro primeiros já foram muito estudados, porém “eles não eram suficientes para um desenvolvimento equitativo e sustentável” (SCHNEIDER, s/d, p. 3). Surgindo então a importância do 5º capital, o capital social que “consiste em que as pessoas

devem participar de organizações que realizam negócios, com vistas ao progresso social e econômico” (SCHNEIDER, s/d, p. 3).

A cooperativa é importante instância para ajudar a construir o capital social (...). O capital social é, portanto, a base da equidade, porque as pessoas confiam umas nas outras, para trabalhar solidariamente. E, parafraseando Roberto Rodrigues, as cooperativas são o cofre para estocar confiança, participação e parceria, elementos do capital social. Mas, ao mesmo tempo, elas são o braço econômico da organização social (SCHNEIDER, s/d, p. 3).

Abramovay, s/d, ressaltando a importância do capital social,

Na perspectiva de Putnam e de Coleman o capital social é um conjunto de recursos (boa parte dos quais simbólicos) de cuja apropriação depende em grande parte o destino de uma certa comunidade. (...) Para Bourdieu, 1979 o capital é definido como um conjunto de “recursos e de poderes efetivamente utilizáveis”, cuja distribuição social é necessariamente desigual e dependente da capacidade de apropriação de diferentes grupos (ABRAMOVAY, s/d, p. 5).

O Presidente da CRESOL<sup>2</sup> Central SC/RS, Risson, 2009, escreve sobre a importância da participação dos associados (capital social da cooperativa) para o desenvolvimento da cooperativa.

A participação, mais do que um direito, é uma obrigação. Somente com o compromisso consciente de cada cooperado, atuando de forma efetiva, é que se geram condições para o projeto do cooperativismo prosperar. Apenas dessa forma ele pode se tornar viável econômica e socialmente, trazendo resultados para o cooperado, provocando impacto no desenvolvimento e gerando mais oportunidades de emprego e de renda a partir do acesso ao crédito (RISSON, 2009, p. 10).

Nesse entender, a cooperativa é construída ou formada por pessoas, para atender os aspectos locais em que está inserida, respeitando as raízes históricas, a cultura e os sujeitos protagonistas do local, visando o desenvolvimento e o crescimento (estrutural e econômico) da cooperativa, mas acima de tudo do crescimento junto com seus associados.

---

<sup>2</sup> Cresol - Cooperativa Crédito com Interação Solidária

### 2.3. PERCEPÇÃO, CONCEPÇÃO E VISÃO.

Conforme o exposto anteriormente, um dos objetivos da pesquisa é captar a percepção dos agricultores sobre a atuação da Cooper. Neste sentido, a conceituação de percepção contribui sobremaneira para a discussão. Segundo Chauí (2003):

Percepção é a relação do sujeito com o mundo exterior, relação esta que dá sentido ao percebido e àquele que percebe. Essa relação é sempre uma experiência dotada de significado que envolve a história de vida do sujeito, seus valores, desejos e afetividades (CHAUI, 2003, *apud* PEREIRA, 2008, p. 41)

“Mesmo um indivíduo vivendo dentro de uma mesma comunidade, compartilhando das mesmas instituições, como um cooperado, pode construir uma concepção diferente, valendo-se de sua subjetividade” (FACHIN, 2009, p.36).

Algumas categorias de subjetividade utilizados na pesquisa da autora Cardoso (2009), são: reciprocidade; identificação; e pessoalidade.

Reciprocidade: sistema de dar, receber e retribuir, com a finalidade de manter os vínculos sociais. Assumir essa condição é assumir a generosidade nas relações sociais e a necessidade que se tem um do outro. Tal sistema não responde a uma lógica utilitarista, ao contrário, implica no reconhecimento de elementos culturais que se sobrepõem às necessidades puramente econômicas.

Identificação: é um mecanismo de ordem psicológica estudada que leva os indivíduos a se manterem agrupados e empenhados em atividades destinadas a um fim comum. Os laços emocionais são os principais responsáveis pela identificação.

Pessoalidade: pertence a um modo de subjetivação cultural totalizante, hierárquico, pessoal e clientelista, que determina a qualidade de determinados vínculos sociais (CARDOSO, 2009, p. 72 e 73).

Outro aspecto que tem influência subjetiva é a imagem corporativa depois de formada. “Isso significa que se uma organização tem uma imagem forte, pode fazer com que os usuários perdoem pequenos erros. Mas se possui uma imagem fraca, qualquer erro se torna maior do que realmente é” (GRÖNROOS, 1993, *apud* PEREIRA, 2008, p.29).

Considerando os aspectos subjetivos para a satisfação com um produto, serviço, ou com uma instituição. “Os aspectos afetivos são os que mais influenciam os componentes da satisfação. Em seus estudos, estes autores identificaram 77,3% de respostas afetivas nas frases que os respondentes usaram para descrever satisfação” (GIESE & COTE, 2000, *apud* PEREIRA, 2008, p. 32). Essa autora também ressalta que à percepção de valor e da satisfação proporcionam outro elemento, que é a lealdade. “Definem lealdade como um comportamento

que demonstra a intenção de manter e ampliar um relacionamento” (SINGH & SIRDESHMUKH, 2000, *apud* PEREIRA, 2008, p. 33).

Considerando o exposto sobre os conceitos anteriores, pode-se conceber que: através da percepção de acontecimentos e momentos de um determinado objeto podemos construir concepções (conceitos) referentes a este. No caso dessa pesquisa, através da percepção dos associados frente aos acontecimentos e momentos vividos com a Coopar, fizeram com que eles construíssem suas próprias concepções e conceitos sobre seu funcionamento, através disso formaram uma visão a respeito da Coopar. Da mesma forma que, durante as falas dos entrevistados e da observação das entrelinhas desses momentos, foi possível conceber uma visão das relações entre associados e Coopar. Isso será apresentado posteriormente.

### 3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Em linhas gerais uma pesquisa pode ser definida como:

Um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados (GIL, 2007, *apud* GERHARDT, SILVEIRA, 2009, p. 12).

Neste trabalho especificamente, a pesquisa visa responder: Como os produtores rurais de São Lourenço do Sul, associados à Coopar veem os processos de atuação (mediação) da Cooperativa, e a participação existente entre eles?

“Já a metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a ser percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo” (FONSECA, 2002, *apud* GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 12).

A metodologia utilizada visa, conforme a autora Almeida (2003), retratar a realidade de uma forma não generalizada do sistemismo, mas utilizando uma abordagem multidisciplinar que leve em consideração a heterogeneidade social, as formas históricas de ocupação da terra e da formação humana e a dinâmica social atual, para propiciar uma compreensão mais integrada e dinâmica do social.

A metodologia é a explicação de como a pesquisa foi realizada. Neste item é apresentada, uma síntese dos procedimentos adotados para a realização dessa pesquisa. Conforme exposto anteriormente, esta pesquisa consiste em uma análise sobre como os produtores associados enxergam a interação com a Cooperativa Mista de Pequenos Agricultores da Região Sul Ltda – Coopar.

#### 3.1 AS ETAPAS DA PESQUISA

Primeiramente foi realizada a revisão bibliográfica para embasar a pesquisa. Isto ocorreu através de pesquisa bibliográfica, realizada em livros, teses, dissertações, periódicos, artigos, entre outros.

Em linhas gerais a pesquisa realizada possui uma natureza qualitativa e quantitativa. Demo, 2004, recomenda que “toda pesquisa precisa mesclar quantidade e qualidade, forma e intensidade, estrutura e dinâmica. A pesquisa qualitativa apenas quer realçar as dinâmicas, mas sem perder de vista que toda a dinâmica revela formas” (DEMO, 2004, *apud* HILSINGER, 2007, p. 27).

A pesquisa qualitativa se preocupa “com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31). No caso desta pesquisa, busca-se o aprofundamento da compreensão da relação dos produtores associados com a Coöpar.

Esta pesquisa é utilizada, segundo as autoras acima referenciadas, quando o pesquisador pretende explicar o porquê das coisas, não se preocupando com números para quantificar, preocupando-se com os aspectos da realidade que não podem ser quantificados, como: motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, que são aspectos mais profundos das relações humanas.

Como foi apresentado por Demo anteriormente a pesquisa qualitativa também se utiliza de dados e métodos quantitativos, não da mesma forma, mas os utiliza como forma de obter os dados necessários para a pesquisa. Para tanto foram utilizados uma amostragem de 17 associados para a busca de dados, da população da pesquisa de 2.430 associados da Coöpar.

A amostragem não probabilística é aquela na qual a chance de um elemento da população ser selecionado para fazer parte da amostra não é conhecida. Na amostragem não probabilística, a seleção da amostra depende do julgamento do pesquisador ou entrevistador. Mattar (1997) enumera quatro razões para o uso da amostragem não probabilística. São elas: a população pode não estar disponível para ser sorteado, não estar disposta a conceder entrevistas ou, mesmo, o respondente não ser encontrado; os entrevistadores podem não seguir corretamente as instruções ao selecionar a amostra, ou podem omitir algumas das perguntas ao entrevistar as pessoas; o pesquisador não tem o objetivo de generalizar os resultados obtidos com a amostra; a falta de recursos financeiros e de tempo disponível para se fazer uma amostra probabilística (PEREIRA, 2008, p.50).

O critério de escolha dos associados se deu pela localização próxima da sede da Coöpar, ao visitar um associado, este acabava indicando outras pessoas também associados e que atendiam os requisitos da pesquisa. Nas residências de associados que não havia ninguém em casa, ou que não queriam participar da entrevista era feito a substituição, dirigindo-se a próxima residência. A escolha se deu dessa forma para reduzir os custos de transporte e minimizar a perda de tempo em locomoção.



É conveniente ressaltar neste ponto que em casos onde as esposas ou algum familiar conhecia bem o relacionamento e o funcionamento da Coopar, esta pessoa foi considerada apta a participar da entrevista, pois na maioria dos casos, só uma pessoa por residência é associada e os demais utilizam do nome deste para trabalhar com a Coopar, conhecendo assim seu funcionamento.

É uma pesquisa de natureza aplicada, pois “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35), optou-se pela pesquisa aplicada por entender que os resultados da pesquisa podem ser aplicados para a busca de melhorias e ou para o fortalecimento dos pontos positivos, pois o alto conhecimento já é um grande passo na direção de aplicar melhorias.

Quanto aos objetivos, é uma pesquisa exploratória, pois visa

Proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 35).

Quanto ao procedimento, esta pesquisa é um estudo de caso, pois

Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõem ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. O pesquisador não pretende intervir sobre o objeto a ser estudado, mas revelá-lo tal como ele o percebe. O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes (FONSECA, 2002, *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 39).

Quanto às técnicas e formas de obtenção de dados foram utilizadas as seguintes: pesquisa bibliográfica, documental e eletrônica, apresentada anteriormente; formulário “coleção de questões que são formuladas e anotadas por um entrevistador, numa situação face a face com o entrevistado” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 71); entrevista semiestruturada quando “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre os assuntos que vão surgindo como desdobramentos do principal” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 72).

A técnica de análise de dados qualitativos se deu através da análise de conteúdo que representa “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores

(quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 84).

A segunda etapa consistiu em uma configuração de um roteiro de pesquisa, contendo questões abertas e fechadas, de maneira que permitisse o alcance dos objetivos.

A terceira etapa consistiu em uma pesquisa de campo, baseado em entrevistas conduzidas a partir do roteiro de pesquisa e conversas informais. Para tanto as mesmas foram realizadas com os produtores associados, outros representantes da Coopar e de envolvidos com o cooperativismo no município de São Lourenço do Sul.

Por fim, os dados quantitativos foram sistematizados e analisados no Excel. Os dados qualitativos foram organizados e sistematizados em arquivos do Word. Ambas as sistematizações subsidiaram a redação do trabalho final.

#### 4. MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL

São Lourenço do Sul se localiza entre as cidades de Pelotas, Turuçu, Canguçu, Cristal e Camaquã, a uma distância de 190 km de Porto Alegre e de 70 km de Pelotas, com área de 2.031 Km<sup>2</sup>. O município é composto basicamente de áreas rurais, a numeração utilizada na figura 01 é para localizar os principais pontos referentes à pesquisa.

FIGURA 01. São Lourenço do Sul, com a localização da Coopar.



Fonte: Adaptado pela autora com base no mapa disponibilizado na Agenda 21/ Plano diretor de São Lourenço do Sul. In: <http://www.saolourencodosul.rs.gov.br/>

A área predominante no município de São Lourenço do Sul é de Colina Interserrana, conforme os Estudos de Solos de São Lourenço do Sul RS, publicados pela Embrapa (2006). É uma região constantemente castigada pela estiagem no verão, não há aparentemente deterioração nas características dos solos embora não se saiba o grau de contaminação das águas subterrâneas pelos herbicidas, fungicidas, inseticidas e insumos agrícolas em geral ou pela utilização insustentável do solo. O clima é temperado úmido, pendendo ao subtipo-

Subtropical do tipo mesotérmico, com verões quentes e a formação esporádica de geadas no inverno.

Atualmente alterada pelas ações do homem, a vegetação local destaca-se pelo grande número de coqueiros, a pequena presença de campos (vegetação rasteira, com arbustos e algumas árvores baixas), de matas do tipo misto, matas de galeria (que acompanham os cursos de águas) e as matas nativas, que vem sendo substituídas por lavouras ou matas de eucalipto e acácia.

Uma reconstituição histórica do local do estudo é importante, pois aborda também os aspectos culturais, levando em conta a aplicação de técnicas e formas de produção, que são passadas a cada geração. A utilização de fatos e eventos passados é um excelente instrumento para se entender o presente e prospectar algumas situações futuras e que poderá se refletir nas próximas gerações. A reconstituição histórica e conhecimento do município de São Lourenço do Sul estão baseados no autor Costa<sup>3</sup> (1984).

A ocupação agrícola das terras situadas na serra do município de São Lourenço do Sul se deu a partir de janeiro de 1858, com a chegada dos colonos Alemães e Pomeranos. A atividade agrícola já existente naquela época era a pecuária, destinada à produção de charque e a de arroz que se desenvolveu a margem da Lagoa dos Patos e a margem direita do Arroio São Lourenço, ambas caracterizadas por grandes propriedades.

Inicialmente se instalou em São Lourenço do Sul um grupo de 88 pessoas, pomeranos, que tiveram que desbravar o interior do município e se estabeleceram em lotes de 48 ha. Posteriormente chegaram novas embarcações com imigrantes, os quais trouxeram da Pomerânia algumas mudas, principalmente de batata que servia como alimentação básica dos produtores.

Os imigrantes pomeranos são oriundos da região da Pomerânia na Alemanha, fruto dos povos eslavos e germânicos. Eram hábeis pescadores e obstinados lavradores. Em 1858 constituíram em São Lourenço do Sul a única colônia particular do sul do Brasil. Também foi a única a manter as tradições e cultura pomerana. Até hoje permanecem na atividade dedicada à agricultura familiar (POMERANO, 2010).

A colônia se desenvolvia sem nenhum auxílio financeiro dos governos, tudo competia à própria administração: abertura de picadas, estradas, criação de escolas. Nas escolas não havia professores capacitados e o ensino era em língua alemã, até o Brasil entrar na 2ª Guerra Mundial.

---

<sup>3</sup> COSTA, Jairo Scholl. **São Lourenço do Sul Cem Anos**. 1ªed. São Lourenço do Sul: Corag, 1984. 185p.

Com o passar do tempo às áreas (48 ha.) foram sendo divididas em partilhas (processo de heranças), acarretando a diminuição da área dos estabelecimentos rurais. A partir de 1950, com os investimentos do Governo Federal na malha rodoviária (BR 116) e os financiamentos para a aquisição de caminhões favoreceu o surgimento de uma nova classe, os “intermediadores”, responsáveis pela escoação da produção agrícola. Atualmente o principal canal de escoação da produção é através da Coopar (soja, milho, feijão) e por feirantes ou varejista. Já a produção de fumo é escoada principalmente pelas empresas fumageiras. Está em execução à obra de asfaltamento da RS 265 que corta o interior do município, ligando São Lourenço do Sul a Canguçu, esta obra representa uma luta dos produtores de mais de 20 anos e passa bem em frente à Coopar.

A modernização<sup>4</sup> começou na região a partir de 1960. Embora considerada tardia no Brasil, se comparada com o resto do mundo, nem por isso teve efeitos menos perversos sobre o meio ambiente e sobre a cultura da população. Como por exemplos, pode-se citar a diminuição de matas nativas, o uso intensivo de fertilizantes e a produção vinculada ou contratual às firmas (leite e fumo), se intensificou a partir desse período. A partir de 1990, o fumo passou a representar 80% da produção total do município, fazendo com que muitos produtores dependessem de uma única produção abrindo mão do policultivo (diversidade da produção).

A partir dos anos 1995 percebe-se um aumento na conscientização dos produtores sobre as consequências de produzir sem respeitar o meio ambiente. Isso ocorreu devido às associações e cooperativas que distribuíram informações e desenvolveram o trabalho solidário entre os sócios.

Por outro lado, novas políticas públicas foram suprindo lentamente as necessidades dos produtores para que continuassem atuando no campo, através da oportunidade de acesso a uma formação superior nesta área, o desenvolvimento de projetos com o apoio de políticas públicas e de órgãos como FETRAF<sup>5</sup>, CAPA<sup>6</sup>, EMATER<sup>7</sup>, CRESOL, Coopar, entre outros. Neste período, se intensificou a formação de Associações de Produtores Rurais, os grupos de pequenos agricultores que se juntaram para organizar as necessidades dos associados, possibilitando o acesso a sementes, alevinos, vacinas aos animais, aberturas de bebedouros através da administração municipal, implementos adquiridos em grupo (máquina para colher

---

<sup>4</sup> Modernização decorrente da Revolução Verde, indução de pacotes tecnológicos para os produtores.

<sup>5</sup> Fetraf - Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar.

<sup>6</sup> CAPA - Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor.

<sup>7</sup> EMATER – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

milho, de plantio direto, subsolador, disco) e outras finalidades, conforme a necessidade dos associados de cada associação.

De um modo geral, pode-se dizer que as instituições apresentadas anteriormente são as apoiadoras, que deram suporte e assistência técnica para a elaboração e implantação desses projetos. Este apoio é decorrente de toda a trajetória destas instituições, que vem trabalhando com o meio rural. Conforme Schneider<sup>8</sup>, (s/d), estas instituições (que trabalham com o meio rural) também desempenham o papel de mobilizarem os agentes e atores sociais para que estes desempenhem seus papéis diante da sociedade, isto através da cobrança de seus direitos e do cumprimento de seus deveres.

A produção agrícola do município é de base familiar, conforme Hilsinger, (2007):

A atividade econômica agropecuária, sobretudo familiar, que responde por 41% do Valor Adicionado bruto. Isso evidencia que se somado ao PIB industrial, que tem o seu valor basicamente proveniente da transformação de produtos primários, podemos afirmar que o setor primário responde por mais de 90% do PIB municipal (HILSINGER, 2007, p. 19).

E “70% das terras do município de São Lourenço do Sul são próprias para cultivos anuais, 29% para pastagens ou cultivos perenes e 1% sem uso agrícola. O município possui uma área de solos agricultáveis de 164.212 hectares” (HILSINGER, 2007, p. 44).

A base econômica do município está assentada na produção agrícola. A base dessa produção é tipicamente da agricultura familiar. Para Wanderley (1996) a agricultura familiar acontece quando a família é proprietária dos meios de produção e responsável pelo trabalho no estabelecimento. A forma socioeconômica de agir tem relação com seu poder de associar família, produção e trabalho.

A primeira cooperativa formada no município foi à Cooperativa de Arroz São Lourenço do Sul. Por muitos anos esta cooperativa representou a classe local e tinham uma forte influência regional. Com o passar dos anos, devido às falhas administrativas e a desunião dos cooperados foi decretado à falência. Atualmente, a passos lentos, vem se reestruturando para que possa voltar a fortalecer a arrozcultura local.

---

<sup>8</sup> SCHNEIDER, José Odelso. Globalização, Desenvolvimento local sustentável e cooperativismo. Programa de pós-graduação em Ciências Sociais Aplicadas. Instituto HUMANITAS/UNISINOS. Derad06 Organização Social e movimentos sociais rurais – UFRGS. Disponível em: < <http://moodleinstitucional.ufrgs.br/>>. Acessado em: 15.11.2010

## 5. COOPAR

A apresentação da “Coopar”<sup>9</sup> é uma parte essencial da pesquisa, devido à importância em se conhecer a unidade alvo deste estudo. Conhecer sua história, seu passado e o contexto em que está inserida contribui sobremaneira para entender o presente e a direção que ela está tomando.

Fruto do trabalho do CAPA em São Lourenço do Sul, surge a Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Região Sul – COOPAR, no ano de 1992. Localizada na Boa Vista, interior do município, conta com 2.300 associados, beneficia e comercializa grãos e leite, oportuniza 50 empregos diretos a jovens, filhos de associados, dinamizando a economia local e criando um espaço urbano no meio rural. Beneficia produtos como feijão e leite em pó, com a marca Pomerano (WOJAHN e RECH, 2009 p. 33).

A Coopar localiza-se em Boa Vista – 6º Distrito, de São Lourenço do Sul – RS, foi fundada em 1992 por 41 sócios. No início buscava uma estabilidade, no entanto pela falta de conhecimento administrativo, em 1995 foi praticamente decretada à falência da cooperativa. A partir daí, buscou-se uma maior integração entre a Coopar e seus cooperados, também buscaram investimentos governamentais, este sem sua grande maioria são os responsáveis pelo crescimento expressivo da mesma.

O poder de persuasão da cooperativa no mercado permite a busca por menores preços, condições de pagamento e de escoamento da produção. A Coopar trabalha com diversos produtos tais como: milho, soja, feijão, batata inglesa, batata doce, leite e a comercialização de insumos agrícolas (agrotóxicos, adubos, sementes, ferramentas...), rações animais e insumos veterinários. A cooperativa disponibiliza assistência veterinária um dia por semana e de assistência técnica para a produção agrícola em geral diariamente. Entre as atividades destaca-se o beneficiamento de feijão convencional e orgânico (Feijão Pomerano), secagem e armazenagem de milho e soja, além de trabalhar com outros produtos, atualmente esta atuando na área de beneficiamento de leite, através de uma usina beneficiadora de leite própria que também se localiza na Boa Vista.

---

<sup>9</sup> As informações referentes a cooperativa foram obtidas no decorrer do Estágio Supervisionado II<sup>9</sup> (DERAD 22) do Curso de Gestão e Planejamento para o Desenvolvimento Rural.

FIGURA 02. Coopar via Google Earth



Fonte: Adaptado pela autora, baseado no Google Earth.

A figura 02 através de uma imagem do Google Earth mostra a distribuição das principais infraestruturas adquiridas pela cooperativa, as fotos individualizadas dos prédios estão no apêndice A. O centro administrativo e o ponto de comercialização foram os primeiros prédios adquiridos pela Coopar; o prédio de beneficiamento do feijão está equipado com os maquinários necessários para sua limpeza, seleção, embalagem e armazenagem final; o prédio de armazenagem dos produtos e insumos químicos é separado dos demais prédios; o prédio destinado em parte para a alimentação dos funcionários e a outra parte como depósito; no prédio destinado ao silo e armazenagem se dá a recepção dos grãos, sua pesagem, retirada de teores de umidade e impureza, para posterior secagem e armazenagem dos grãos.

O posto de combustível “Posto Coopar Megapetro” tem como atividade a comercialização de combustíveis e outros produtos como óleos, lubrificantes e baterias. O quiosque é um local para encontros e palestras. Em 2008 foi instalada uma filial da Cooperativa na localidade de Picada Esperança - 7º Distrito do município, tendo uma ligação direta com a sede, possuindo como infraestrutura o posto de comercialização e o silo de secagem e armazenamento.

A Coopar por se localizar no centro do município e em frente à estrada RS265, que está sendo asfaltada, o que facilita e reduz os custos com a logística para o recebimento da matéria prima, insumos e embalagens, e para o envio dos produtos processados.



Atualmente conta com aproximadamente 70 funcionários diretos distribuídos da seguinte forma: matriz (39), filial Picada Esperança (9), posto de combustível (4), usina de leite (18) e mais três funcionários terceirizados que são responsáveis pela assessoria contábil.

No final de 2010 a cooperativa possuía em seu quadro 2.430 sócios, ou famílias associadas, pois na maioria dos casos só uma pessoa da família é associada. A Coopar tem um poder significativo de persuasão por fazer parte da ligação entre sindicatos, associações e programas governamentais. Neste sentido, faz com que os agentes envolvidos se mobilizem em prol de uma causa (seus associados, produtores em geral e o comércio local) esta integração é realizada com diversos órgãos que os auxiliam nesse trabalho.

Para entender os processos de beneficiamento e suas funções deve-se entender como se dá a gestão da cooperativa. Por se tratar de uma cooperativa, a administração se dá por um Conselho de Administração<sup>10</sup>, entre estes é escolhido um Presidente, um Vice-presidente e um Secretário, acompanhado também de um Conselho Fiscal<sup>11</sup>. Todos esses membros são escolhidos por meio de votação nas assembleias ordinárias de três em três anos, salientando que a assembleia ordinária é anual, onde os associados têm acesso às informações referentes à administração, prestação de contas entre outros, objetivando assim a transparência dos atos, além da votação de diferentes assuntos e da renovação dos Conselhos. Os conselheiros e os fiscais têm reuniões mensais na cooperativa com objetivo de acompanhar o andamento dos trabalhos.

Na assembleia ordinária da Coopar do ano de 2010 foi realizada a votação, pelos associados presentes, pela implantação (ainda sem data) de um posto de entrega e distribuição, sediada no município de Pelotas, com a finalidade de realizar a entrega e a distribuição do leite que será beneficiado pela usina. Já na assembleia ordinária de 2011, foi votada a implantação de um posto de combustível junto à filial em Picada Esperança.

A Coopar também trabalha com a produção orgânica, comercializando insumos nessa linha. Sua produção, por exemplo, o feijão orgânico beneficiado em pacotes de 1 kg é comercializado para a Conab através do PAA<sup>12</sup> institucional, para a Rede Zaffari de supermercados, para a Alimentação Escolar de Santa Catarina e para a Alimentação Escolar de São Lourenço do Sul, entre outros. Os outros produtos orgânicos que são entregues ao

---

<sup>10</sup> Conselho de Administração composto por 9 membros titulares e 9 suplentes, sendo necessária a renovação de 1/3 por ano deste quadro, impossibilitando assim o exercício de mais de três mandatos consecutivos aos membros.

<sup>11</sup> Conselho Fiscal composto por três membros titulares e três suplentes, sendo renovados 2/3 por ano.

<sup>12</sup> PAA - Programa de Aquisição de Alimentos.

PAA e para os programas de Alimentação Escolar são: batata, batata doce e algumas verduras e legumes.

Deve-se ressaltar que no município, através da administração municipal, entidades e órgãos governamentais há um incentivo para a implantação de iniciativas agroindustriais que visam o processamento dos produtos primários locais, neste sentido a Coopar processa os seguintes produtos: feijão, milho, soja e leite.

Os associados da Coopar são basicamente agricultores familiares. A título de informação, o agricultor familiar segundo as regras do Pronaf<sup>13</sup> é aquele que não detém área superior a quatro módulos fiscais, no mínimo 80% da sua renda bruta venha da atividade agropecuária, resida na propriedade rural ou urbana próxima e que mantenha até dois empregados permanentes (RESOLUÇÃO Nº 3.559 de 28.03.2008).

A Coopar tem por princípio receber e comercializar somente a produção dos associados, mas como tem parcerias com outras fontes do mercado (Rede Zaffari e programas institucionais) que os obriga a entregar determinadas quantidades. Assim, quando as condições climáticas locais de uma safra prejudicam a produtividade desses associados, não alcançando a produção suficiente necessária para a Coopar, abrem exceção e adquire a matéria prima de produtores de outras regiões. No entanto, como estratégia, ela busca deixar reservada (estocado) a quantidade necessária para atender os programas institucionais e suas obrigações fixas.

A maioria dos processos de comercialização se dá através da participação em licitações, ou seja, a relação acontece com a celebração de contrato, o que trás benefícios para as duas partes, além da segurança em relação ao cumprimento do que está estipulado. A relação contratual garante a Coopar o preço e o pagamento de seus produtos com os valores estipulados por eles mesmos e a segurança de quanto (quantidade) de produto a ser processada para a entrega. Para a empresa licitante é uma segurança de que receberá determinada quantia de produto com as qualificações exigidas e nos prazos devidamente estipulados.

Como se sabe, a empresa ganhadora dos produtos de uma licitação é a que apresenta a proposta com o menor valor para a licitante. Cabe aos participantes desse processo saber seus custos fixos e variáveis para o processamento desses, para que possa ofertar um preço que não traga prejuízos para a ofertante, porém, menor que os preços dos concorrentes. De um modo geral os programas institucionais apresentam vantagens para as cooperativas que

---

<sup>13</sup> Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

trabalham com a agricultura familiar. A título de exemplo, pode-se citar o de aquisição de gêneros alimentícios da agricultura familiar para alimentação escolar, firmado entre a Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul e a Coopar. Conforme a legislação e a determinação do Programa Nacional de Alimentação Escolar, nesses contratos ficam estipuladas a quantidade a ser adquirida e o preço. Também comercializam para o Programa Fome Zero do governo federal, fazendo a entrega dos produtos beneficiados.

Em menor escala, encontram-se alguns produtos da marca “Pomerano” nos mercados locais. Através de conversas com clientes desses produtos pode se perceber que muitos levam esta marca para casa, não por sua qualidade ou preço, mas por ser um produto local, pelo histórico da própria Coopar e do incentivo ao desenvolvimento do Caminho Pomerano, que visa fortalecer o turismo rural no município.

A preferência pela participação em programas institucionais é devida as vantagens provenientes dos governos que objetivam fomentar a agricultura familiar para que a população rural se mantenha e tenha melhores condições de vida nesse meio. Além disso, com esse incentivo o aumento de renda ficará dentro de cada município. Outra vantagem desses programas é a garantia de pagamento, a possibilidade de uma melhor organização, pois se sabe com antecedência a quantidade que será necessária por determinado período, o preço que será recebido por esse produto e as formas de entrega, permitindo que a Coopar se organize com antecedência sem depender das condições mercadológicas que oscilam com tanta frequência.

A Coopar está tentando desenvolver um mix de produtos, entre eles: feijão orgânico e convencional, leite em pó, e mais oito produtos (ricota, iogurte, doce de leite, queijo prato e queijo lanche, leite tipo C, nata e manteiga), arroz através de processo terceirizado, entre outros. Esta estratégia permite atender os programas institucionais dos quais vem participando e o mercado local, pois com poucos produtos os custos de pedido e entrega não são interessantes financeiramente para ela. Isso ocorre devido aos altos custos envolvidos e das pequenas quantidades solicitadas pelo comércio local.

O processamento do leite para leite em pó é terceirizado com a Cosulati<sup>14</sup>. O leite é embalado com a marca Pomerano, pois a Coopar recolhe grande quantidade de leite *in natura* e não processa todo ele, vendendo parte para outras beneficiadoras de leite da região.

---

<sup>14</sup> Cosulati – Cooperativa Sul-Rio Grandense de Laticínios, localizada em Capão do Leão/ RS.

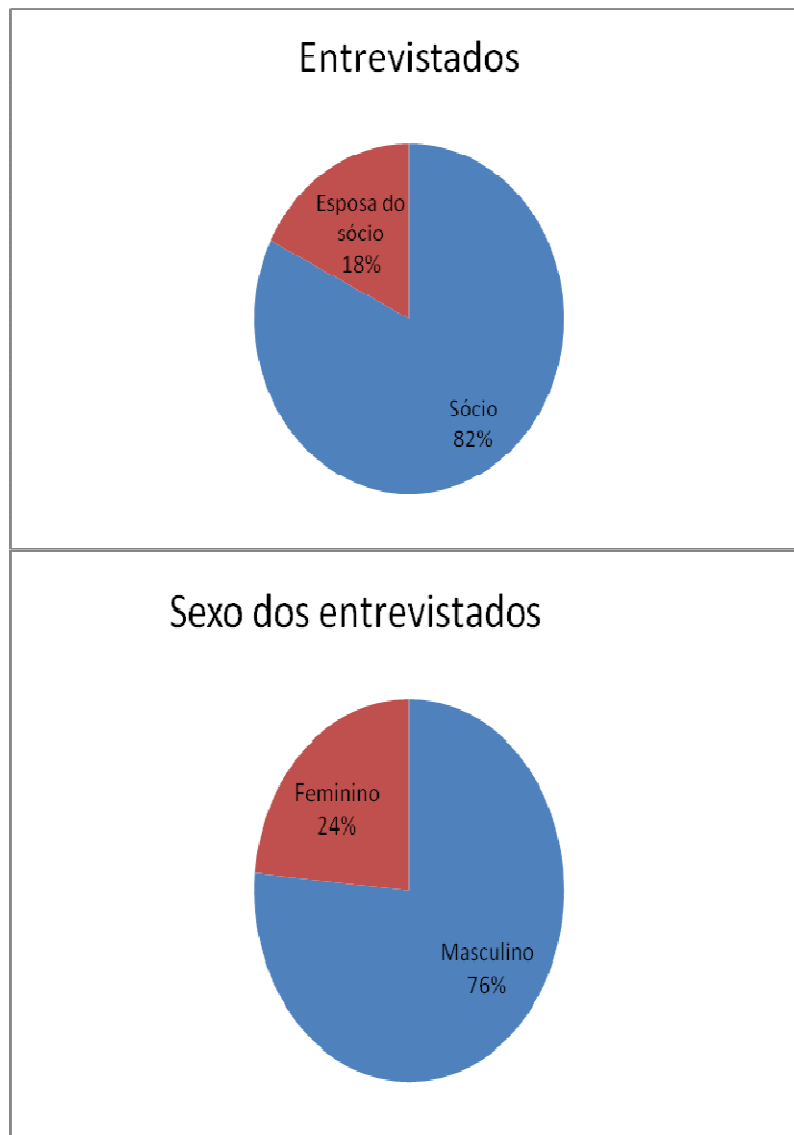
## **6. RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE OS ASSOCIADOS E A COOPAR**

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa, com base nas informações obtidas através do roteiro de pesquisa e das entrevistas com os associados.

### **6.1. PERFIL DOS ENTREVISTADOS**

Conforme o exposto nos procedimentos de pesquisa foi coletado dados junto a 17 (dezessete) associados que colaboraram com as entrevistas. Considerando a figura 03, percebe-se que os entrevistados são majoritariamente do sexo masculino. Do total de entrevistados somente uma mulher é associada e três mulheres de associados participaram da pesquisa, geralmente só uma pessoa por família ou residência é associada da Coopar e os demais familiares trabalham com o nome deste, por isso as três mulheres entrevistadas tem conhecimento de como estão os processos de participação e suas percepções a respeito da Coopar. Nas residências que os associados não aceitaram participar da entrevista, foi por que o chefe da família, e/ou o responsável pela relação entre associado/Coopar, não se encontrava naquele momento.

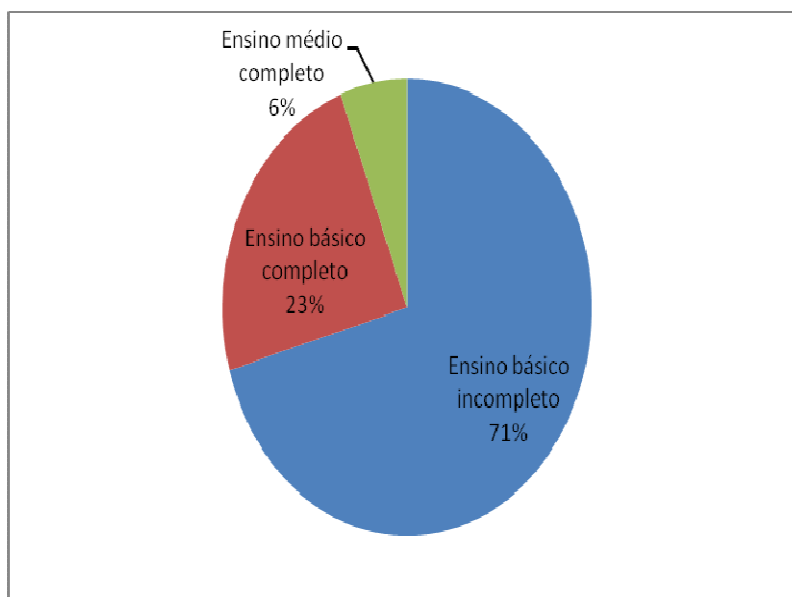
FIGURA 03. Caracterização dos associados entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa

De um modo geral é possível perceber a baixa escolaridade dos associados (Figura 04). Essa situação é representativa não somente entre os associados da Coopar, sendo uma realidade na agricultura familiar local, principalmente para a população de faixa etária mais elevada. “A baixa escolaridade da população lourenciana sem dúvida tem uma influência enorme na estagnação econômica enfrentada pelo município” (HILSINGER, 2007, p. 41).

FIGURA 04. Escolaridade dos associados entrevistados

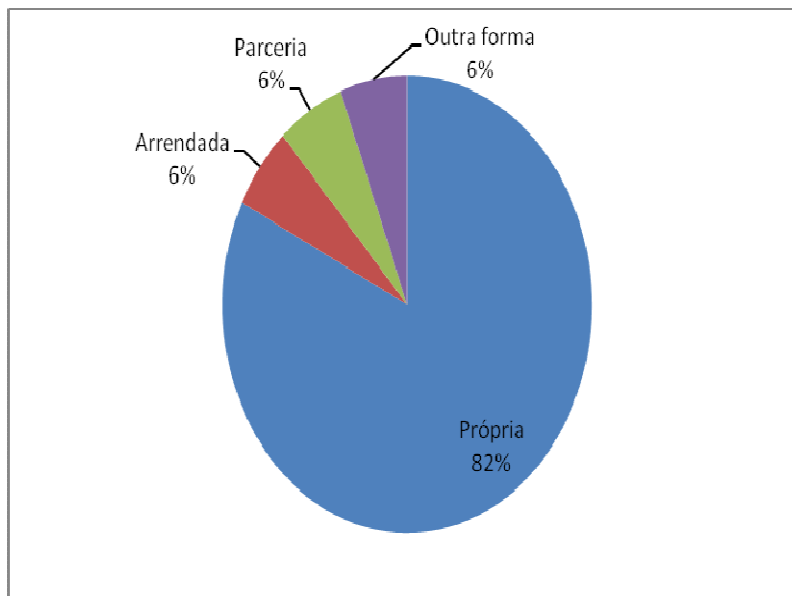


Fonte: Dados da pesquisa

Essa configuração é semelhante à encontrada por Maraschin (2004), estudando a percepção dos associados de uma cooperativa de leite no Norte do Rio Grande do Sul. Na pesquisa da referida autora, 73% de seus entrevistados possuem somente o ensino fundamental incompleto (ensino básico incompleto). Ainda segundo a autora o grau de escolaridade e a idade podem influenciar na tomada de decisão dos produtores. “Um produtor com um maior grau de escolaridade pode ter uma maior compreensão da estrutura e funcionamento da cooperativa, levando-o a tomar decisões diferenciadas em relação a um produtor com um nível de escolaridade menor” (MARASCHIN, 2004, p.94). O fato de um produtor com maior escolaridade não significa que ele será mais fiel à cooperativa. Nas palavras da autora: “pelo contrário, por ele conhecer melhor como funciona a estrutura da cooperativa e a valorização das suas cotas-partes, pode optar por não vender para a cooperativa por achar que não terá benefícios advindos da valorização das suas quotas” (MARASCHIN, 2004, p.94).

Considerando a situação fundiária dos entrevistados, é possível identificar que uma grande maioria dos entrevistados são detentores de sua propriedade (Figura 05). Essa situação é muito pertinente no caso da agricultura, pois é muito representativo para os produtores rurais serem proprietários de seu chão, isso não só pelo aspecto econômico, mas sim pelo aspecto cultural.

FIGURA 05. Situação fundiária dos associados entrevistados

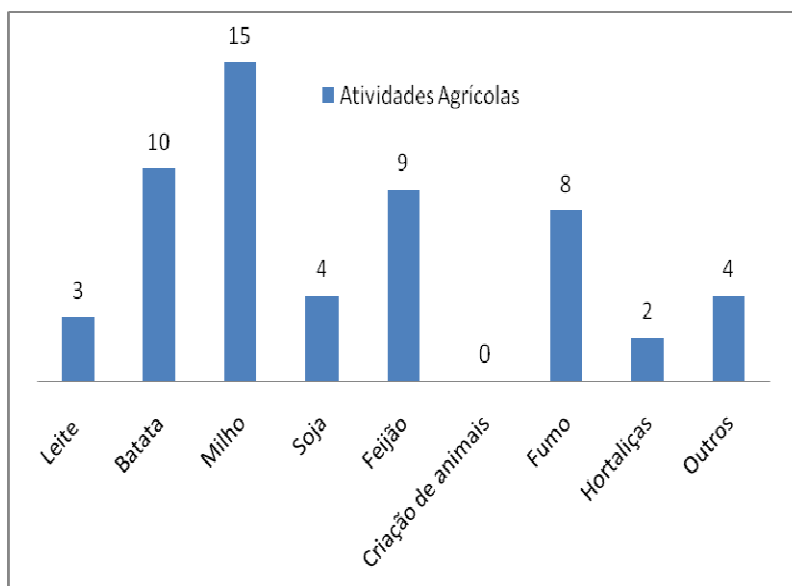


Fonte: Dados da pesquisa

Para Maurel (1998) Em qualquer sistema econômico, a terra é um bem mercantil, objeto de transações que tem o preço definido seja de compra, de venda, de locação e cessão de direitos de propriedade. Por todas essas características, a terra revela um aspecto ambivalente de bem patrimonial e de bem de produção. A terra pode significar um ponto de junção assim como de confrontação, entre a lógica da família e a lógica da exploração agrícola. “A terra é um feixe denso de relações entre o produtor agrícola e o bem que ele explora”. Além do mais, a remuneração dos fatores de produção não se realiza separadamente, uma vez que não há dissociação entre capital e patrimônio.

Outro aspecto importante a salientar é a diversidade das atividades agrícolas implementadas pelos agricultores considerados na pesquisa (Figura 06). Deste modo, verifica-se que os produtores considerados na pesquisa, são oriundos da agricultura familiar, pois além da mão de obra ser basicamente familiar, apresenta uma gama diversificada de cultivos. Apesar de nenhum dos entrevistados dizer que cria animais para a comercialização, a grande maioria deles tem alguns para o consumo próprio, principalmente bovinos, suínos e aves.

FIGURA 06. Produtos agropecuários na propriedade dos associados entrevistados



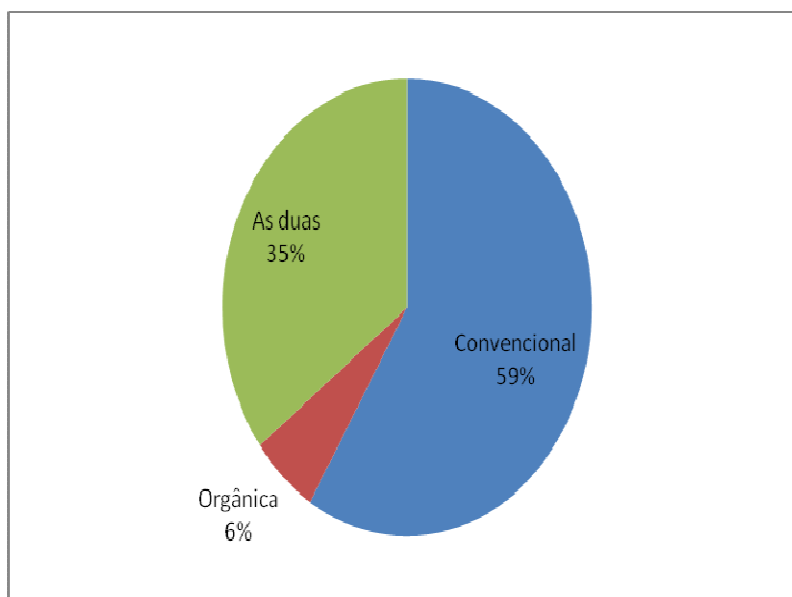
Fonte: Dados da pesquisa

O número expressivo de agricultores no contexto da pesquisa (15 agricultores) que cultivam milho está relacionado à facilidade em seu cultivo, assim como a versatilidade desse cultivo. Diferentemente da maioria dos cultivos, este espera na hora da colheita e pode ser cultivado na resteira<sup>15</sup> de outros cultivos, como a batata, o feijão e o fumo, aproveitando os resíduos dos insumos destes. Além disso, esse é um cultivo estratégico, pois pode ser utilizado como uma fonte principal na alimentação dos animais da propriedade, tanto verde para pasto e/ou na forma de silagem e maduro na forma de grãos, o mesmo pode ser armazenado tanto para consumo interno na propriedade, como para a comercialização.

<sup>15</sup> Resteiva - restolho, restos da cultura.



FIGURA 07. Tipo de produção dos associados entrevistados



Fonte: Dados da pesquisa

A figura 07 demonstra a distribuição dos agricultores de acordo com o perfil dos sistemas de produção, identificando a existência de um produtor essencialmente orgânico, 35% dos agricultores pesquisados mesclam o cultivo orgânico com o convencional e 59% só desenvolvem seus cultivos de forma convencional. O baixo número de produtores orgânicos é decorrente da baixa produtividade desse tipo de produção, além da falta de mercado local, uma vez que somente a Coopar e a feira<sup>16</sup> são meios oficiais de escoar essa produção, outra forma de escoar este produto é através da comercialização com vizinhos. Os produtos cultivados de forma orgânica são principalmente: batata, feijão e hortaliças. Já os cultivos essencialmente convencionais são: fumo, milho e soja, mas também plantam batata e feijão de forma convencional.

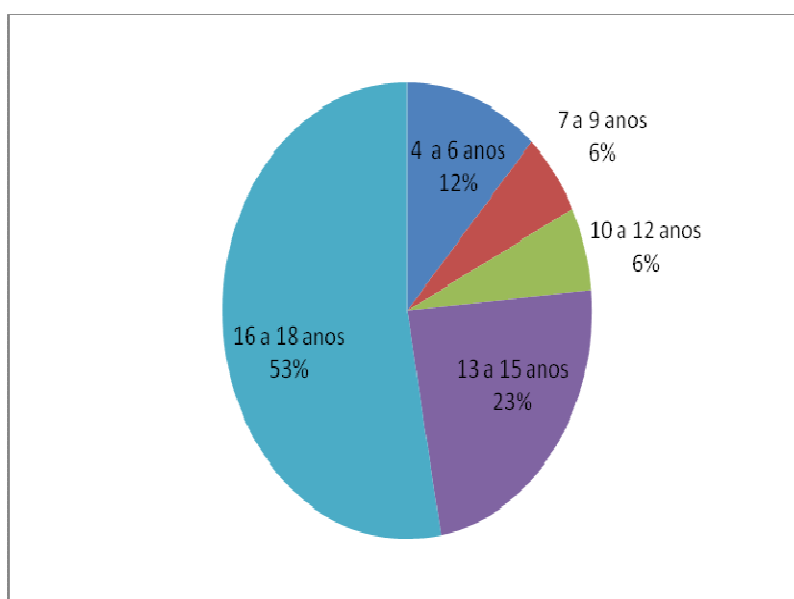
## 6.2. RELAÇÃO COMERCIAL ENTRE OS ASSOCIADOS E A COOPAR

Conforme o exposto anteriormente, a Coopar foi fundada em 1992 e tem 18 anos de atividade. Fundada por 41 sócios fundadores, atualmente ela conta com 2.430 associados. A

<sup>16</sup> A feira acontece na Praça Dedé Serpa, na área urbana da cidade e são realizadas todas as quartas e sábados pela manhã.

figura 08 demonstra o tempo da relação do associado com a Coopar. Neste sentido, é importante ressaltar que é expressivo o número de entrevistados (9) considerados na amostra que possuem um relacionamento que varia entre 16 a 18 anos com a cooperativa. Isso se explica pelo fato da entrevista ter acontecido nos locais próximos a Coopar, onde se concentra um número maior de sócios mais antigos.

FIGURA 08. Tempo (anos) de associação dos entrevistados na Coopar.



Fonte: Dados da pesquisa

Quando questionados sobre os principais motivos pelo qual o agricultor se associou na cooperativa, pode-se perceber que a razão mais importante mencionada pelos entrevistados foi a de ter uma maior facilidade de comercialização, a menos importante foi o fato de o pai já ser sócio. Entre os outros motivos citados pelos entrevistados destacam-se a busca de melhorias para a agricultura, a relação de proximidade de sua residência, por conseguir nota no talão de produtor (modelo 15), para fazer parte, se algum dia precisasse e para ajudar a se desenvolver (Quadro. 01).

QUADRO 01. Média das razões para os entrevistados se associarem na Coopar.

<b>Razões para se associar na Coopar</b>	<b>Média</b>
Ter maior facilidade de comercialização	4,59
Conseguir melhores preços	4,47
Ter maior facilidade na aquisição de insumos	4,41
Acesso a assistência técnica	3,00
Ter acesso à distribuição de sobras no final do ano	2,24
Outro	2,12
Porque o pai já era sócio	1,18

Fonte: Dados da pesquisa. Média calculada a partir dos seguintes escores: 1 = não é importante; 2= pouco importante; 3= razoavelmente importante; 4= Importante; 5= Muito importante.

Também foi perguntado aos entrevistados sobre as vantagens que eles percebem por serem sócios da Coopar. A maioria das respostas girou em torno da comercialização, aparecendo como questões principais: facilidade na compra e venda de produtos e insumos, os prazos para pagamento, a opção de depositar e armazenar os grãos para esperar melhores preços para a comercialização, a busca e a entrega dos produtos na casa do produtor, o mercado garantido e o investimento na indústria de leite.

Em linhas gerais, a comercialização sempre foi um grande problema para os produtores lourencianos. Essa situação já foi ressaltada por Hilsinger (2007), em seu estudo sobre “Os efeitos do Pronaf no setor primário de São Lourenço do Sul, RS – 1996/2006”, em que ele relata: “um grave problema está na comercialização da produção. O papel dos “atravessadores” na comercialização é revoltante. A grande maioria dos agricultores fica refém desses comerciantes na hora da comercialização” (HILSINGER, 2007, p. 179).

Para ressaltar a potencialidade da comercialização entre associado/cooperativa, ressalta-se algumas das respostas para as seguintes perguntas: “Quando você tem a opção de negociar com a Coopar ou com outra empresa, qual você prefere? Por quê?” e “Se as condições do negócio forem melhores na outra empresa, o que você faz? Por quê?”.

Para a primeira questão somente um entrevistado disse que preferia negociar com outras empresas devido à dificuldade de negociação direta; ou seja, precisa falar com duas ou três pessoas para a negociação, outros dois entrevistados disseram que dependia dos preços, pois “nem sempre a Coopar tem os melhores preços”. No entanto, a grande maioria (14 entrevistados) falaram que preferem negociar com a Coopar devido ao bom atendimento; por não ter muitas outras empresas, por ser mais perto. No entanto, a maioria afirma trabalhar com a Coopar devido ao sistema cooperativista e por causa da Coopar ser a “nossa cooperativa”.

Para a segunda questão “Se as condições do negócio forem melhores na outra empresa, o que você faz? Por quê?” 29% dos entrevistados mantêm a comercialização com a Coopar mesmo que apareça outra empresa que apresente melhores condições, suas justificativas foram: “a Coopar dá nota do modelo 15” (talão do produtor); “o pagamento é confiável”; “as sobras podem reverter em algum projeto para a agricultura familiar”. Essas questões levantadas são muito importantes, pois através do relato de alguns entrevistados muitos dos intermediadores dessa região não tiravam notas da produção, deixando os produtores sem nenhum comprovante da venda, além de muitos pagarem com cheques pré-datado para 30 dias, não raro, “sem fundo” (sem liquidez).

Por outro lado, em relação à cooperativa, devido à relação de confiança, muitas dessas negociações acontece até mesmo por telefone. É um procedimento comum o associado ligar para a Coopar para se informar do preço e das condições de pagamento e efetuar a transação. Por exemplo, se a cooperativa está comprando, o produtor diz quanto tem para vender e dá o seu endereço para que a Coopar busque, ou diz quando vai entregar o produto no depósito da cooperativa.

Através das respostas dos entrevistados referentes à comercialização, pode-se identificar a percepção deles em relação à importância da Coopar como intermediadora comercial, representando um forte canal de escoamento da produção local.

Mesmo os produtores de fumo, em que o produto não é comercializado pela Coopar, acabam adquirindo diversos insumos para seu cultivo. Isso que uma das características na produção do fumo é a integração (contratual) com a empresa fumageira, ou seja, a maioria dos produtores recebe os insumos necessários para a produção, com a condição de pagamento na safra e vendem o fumo direto para a fumageira. No entanto, é recorrente o fato de muitos produtores adquirem insumos em quantidade menor a necessária, para poderem adquirir os insumos na Coopar, isso pelos altos custos dos insumos nas fumageiras.

O resultado da questão referente à comercialização é semelhante com o resultado da pesquisa de Maraschin 2004, que é “a cooperativa é a principal parceira comercial dos produtores, tanto na venda de produtos como na compra de insumos” (MARASCHIN, 2004, p. 99).

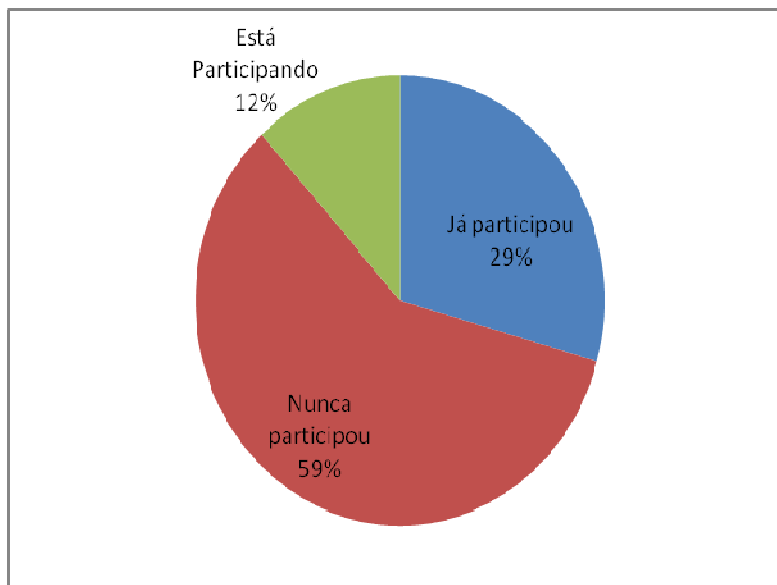
### 6.3. PARTICIPAÇÃO

Como a participação na comercialização já foi apresentada anteriormente, agora se apresenta a participação (interação) dos associados entrevistados com a Cooper.

A participação dos associados é muito importante para o desenvolvimento de uma cooperativa, assim como reforça a seguinte citação:

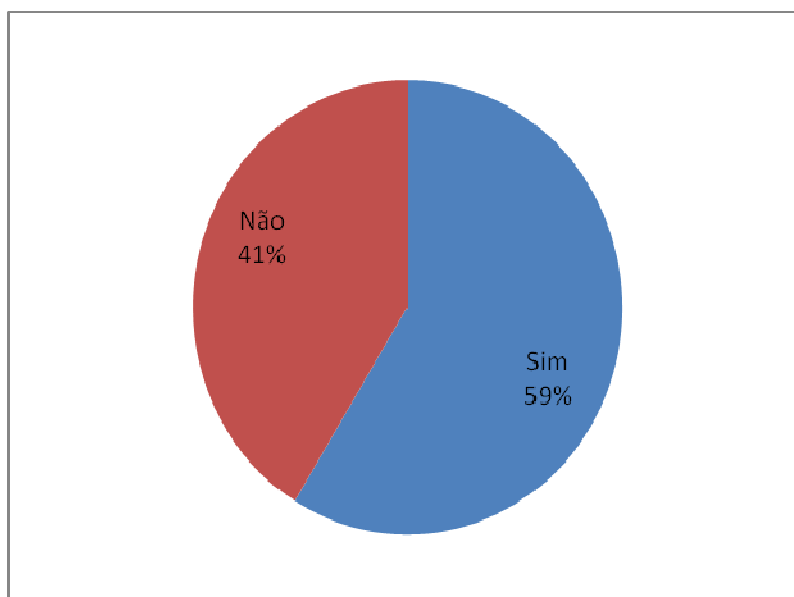
O desenvolvimento de uma organização cooperativa...depende veementemente de uma gestão democrática em que os cooperados, na condição de donos e usuários do negócio se reconheçam como tal e manifestem seus interesses e esforços no sentido da coesão de um grupo, de um coletivo, como deve ser caracterizada uma organização cooperativa (FREITAS, *et al*, 2009, p.05).

FIGURA 09. Participação dos entrevistados na Administração da Cooper.



Fonte: Dados da pesquisa

FIGURA 10. Interesse dos entrevistados em participar da Administração da Cooper.



Fonte: Dados da pesquisa

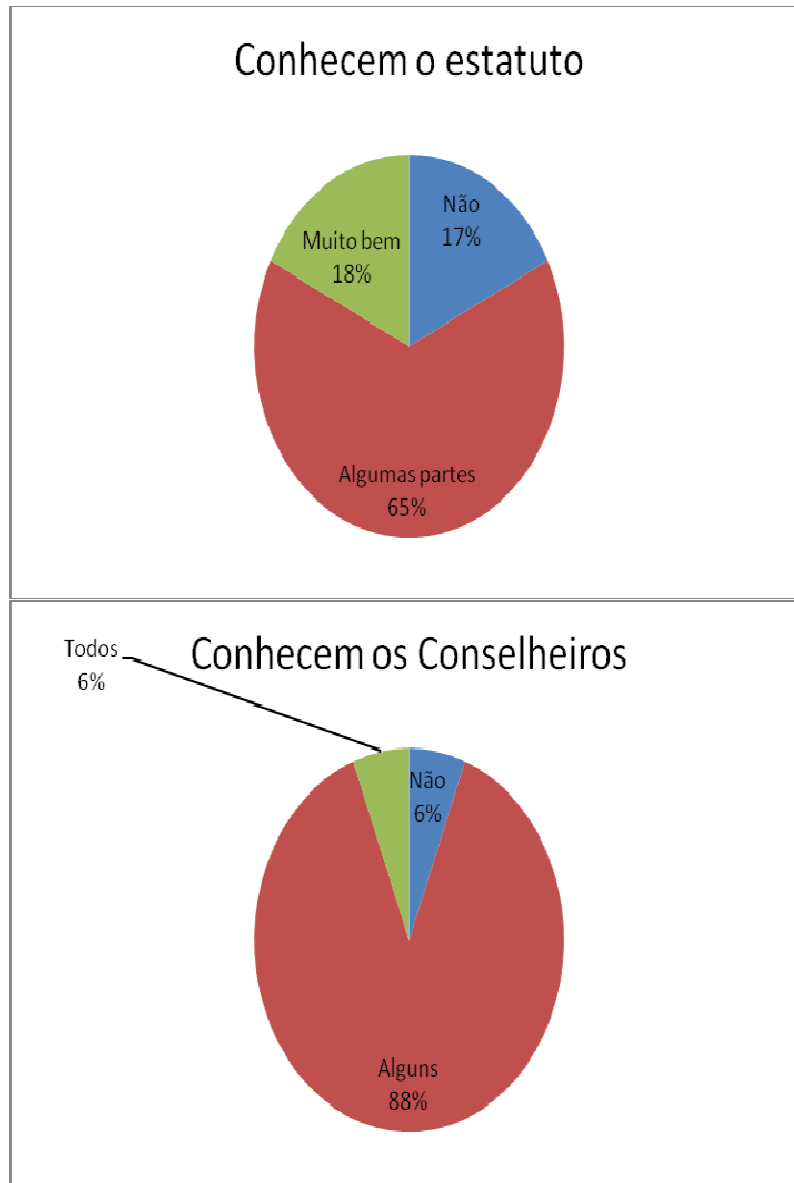
Considerando os associados incluídos na amostra, 41% dos entrevistados participam ou já participaram da administração (figura 09). Esse percentual significativo também é influenciado pelo fato da entrevista ter sido realizada nas proximidades da Cooper. Por outro lado, 59% têm interesse em participar (figura 10). Esses que tem interesse em participar são aqueles que já participaram ou estão participando e mais três que nunca participaram, mas que gostariam de participar. O interesse na participação da cooperativa tem como principal objetivo: “saber quanto lucro dá no final do ano”, “mudar algumas coisas”, “sempre tive interesse de isso (Cooper) funcionar melhor e com mais transparência” e “para ajudar”.

Observando as razões levantadas pelos entrevistados, pode-se inferir que por trás das razões de não participar predomina um sentimento de insegurança (medo de errar) por parte dos entrevistados em participar da administração. Por outro lado, por trás das razões de participar existe a presença de dois sentimentos: a desconfiança e o desejo de mudança por parte dos entrevistados.

A gestão cooperativa direciona-se ao foco no cooperado (cliente e fornecedor), buscando o desenvolvimento econômico através da intensificação das relações sociais entre as partes envolvidas. Assim, a cooperativa deve buscar trabalhar de forma interativa e colaborativa, desempenhando o papel de mediadora entre o cooperado e o mercado, de tal forma que os objetivos da cooperativa estejam em consonância com os objetivos dos cooperados (FREITAS, *et al*, 2009, p. 5 e 6)

Com base nos dados da figura 11 observa-se um pequeno número de entrevistados que estão bem inteirados de seus direitos e deveres por serem associados da Coopar, do regulamento da Coopar que está disposto em seu Estatuto.

FIGURA 11. Conhecimento dos entrevistados do Estatuto e dos Conselheiros da Coopar



Fonte: Dados da pesquisa

O fato de somente um entrevistado conhecer todos os Conselheiros também é preocupante, pois demonstra a falta de acesso ou de interesse à informação ou ao funcionamento da cooperativa, ou melhor, ao que está acontecendo internamente na cooperativa. De um modo geral, o associado como “proprietário” é a parte mais interessada

nos negócios da cooperativa. Portanto, a administração tem o dever de criar instrumentos para assegurar sua participação e, assim, evitar o chamado efeito carona *freerider*<sup>17</sup>” (TOSINI e BASTOS, 2008, p. 82). Ricciardi, 1986, explicando o interesse pela participação, nos diz:

Um ponto importante a ressaltar é que as pessoas só participam daquilo que lhes interessa e daquilo que elas se sentem motivadas a participar. O intercâmbio entre cooperado e cooperativa estimula o associado a sentir mais confiança e acreditar que é através da união e participação destes que a cooperativa avança e atinge seus objetivos (RICCIARDI, 1986, *apud* ROSALEM e SILVA, s/d p02).

Os autores Tosine e Bastos (2008), em sua pesquisa também encontraram falta de controle dos associados, decorrentes da baixa participação. Ressaltam os autores que essa situação é preocupante, pois os associados “são também os donos do negócio, eles assumem riscos e responsabilidades que extrapolam as de um simples usuário” (TOSINI e BASTOS, 2008, p. 83), de acordo com a Legislação vigente:

Em decorrência da previsão expressa no art. 1.095 do Código Civil de 2002 e nos arts. 89 e 80 da Lei 5.764/1971, o sócio de uma cooperativa passa a responder não somente pela parcela de sua contribuição ao capital social, correspondente às quotas por ele integralizadas, mas também pelos prejuízos porventura verificados, na proporção das operações que tiver realizado. O § 2o, artigo 1.095, do Código Civil também se refere a uma responsabilidade ilimitada dos sócios: "É ilimitada a responsabilidade na cooperativa em que o sócio responde solidária e ilimitadamente pelas obrigações sociais". Ainda, o art. 36 da Lei 5.764/1971 afirma: "A responsabilidade do associado perante terceiros, por compromissos da sociedade, perdura para os demitidos, eliminados ou excluídos até quando aprovadas as contas do exercício em que se deu o desligamento" (BRASIL, 1971) (TOSINI e BASTOS, 2008, p. 83).

Os autores ressaltam ainda a responsabilidade da administração da cooperativa em criar mecanismos para estimular a participação dos associados. Neste sentido, “a administração deve criar meios para que todos os associados tenham ciência de seus direitos e deveres legais e estatutários, especialmente em casos de perda e/ou prejuízo” (TOSINI e BASTOS, 2008, p. 83).

A respeito da “Tomada de decisão na Coopar: foi questionada a participação nas reuniões da Coopar”, resultado apresentado no quadro02, a frequência de participação, assim como a realização de questionamentos dos resultados da cooperativa, resultados apresentado no quadro 02. O que se observa que a maioria dos entrevistados até vai entre muitas e todas as reuniões, mas que a maioria não participa ativamente dessas reuniões, questionando ou

---

17 *Freerider* - “O problema do *free-riding* (carona)... Os caronas são agentes que consomem mais do que a parcela justa de recursos. O problema dos caronas é como evitar ou impor um limite a este consumo” (TIBÚRCIO, 2007, p.01).



dando opiniões, isso entre nunca e às vezes. Quando questionados de o porquê não participarem ativamente das reuniões, a maioria das respostas girou em torno do medo e da dificuldade de se expressar em público e de correrem o risco de os outros rirem de seus questionamentos.

QUADRO 02. Média da participação dos entrevistados.

<b>Participação</b>	<b>Média</b>
Frequência da participação nas reuniões da Cooper.	3,18
Participação ativa nessas reuniões, questionando os resultados.	1,76

Fonte: Dados da pesquisa

Média calculada a partir dos seguintes escores: 1 = nunca; 2 = as vezes; 3 = muitas; 4 = todas.

“Segundo Schneider (1982), para que se possa compreender alguém ou fazê-lo participar responsabilmente é preciso pô-lo ao corrente de tudo e promover o entendimento das atividades da cooperativa” (SETTE, SETTE e SOUZA, 2005, p.7). Eles também ressaltam que o associado tem “o direito à informação” pelo

Fato de estes serem os proprietários do capital social da cooperativa; e em seguida de serem eles os que, direta ou indiretamente, são convocados a fixar os objetivos e a decidir sobre os recursos da cooperativa. Assegurar aos associados uma sincera informação sobre os aspectos decisivos seria promover à autogestão (SETTE, SETTE e SOUZA, 2005, p.7).

Continuando com este autor que ressalta a “importância de os dirigentes informarem regularmente aos associados sobre suas atividades, decisões e planos futuros, possibilitando consultas, informações, apresentação de sugestões e propostas, como um meio de promover decisões rápidas e flexíveis” (SETTE, SETTE e SOUZA, 2005, p.7).

Wadsworth (2001) aborda a necessidade fundamental em disseminar informações oportunas aos associados, bem como educar, promover e motivar, intencionando alcançar o sentimento de conexão à organização, o que conseqüentemente eleva o grau de lealdade para com a cooperativa, questão tão debatida na atualidade e um dos principais desencadeadores de reformas nas estruturas cooperativas (SETTE, SETTE e SOUZA, 2005, p.7)

Na Cooper nunca foi registrada a inscrição de duas chapas para concorrer aos cargos da Cooperativa. Esta situação é semelhante à encontrada por Faschin (2009) em sua pesquisa sobre a Coasul (Cooperativa Agroindustrial). De acordo com a autora: “Isso significa que um grupo de pessoas ocupa esses lugares na diretoria há mais de vinte anos, onde o poder concentra-se num pequeno grupo, que vai se revezando nos cargos” (FASCHIN, 2009, p.73).

A autora explicando o processo de poder cita Foucault (1984) “o poder não é um objeto natural e sim uma prática social construída historicamente” (FASCHIN, 2009, p.73).

Outra relação importante que ilustra essa longa permanência de um grupo de pessoas na direção é que o saber e o poder se implicam mutuamente, ou seja, não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder (FASCHIN, 2009, p.74).

#### 6.4. MUDANÇAS PARA OS ASSOCIADOS

Para que se tenha o crescimento de uma instituição como uma cooperativa é necessário a participação ativa, livre e significativa dos associados e a distribuição justa dos benefícios resultantes. Já para

“Wilson Bueno... o desenvolvimento implica valorizar a diversidade e reconhecer o cidadão como sujeito protagonista de sua vida e construtor da sua história. Segundo ele, o desenvolvimento autêntico exige: cidadania, sustentabilidade, implementação de ações e estratégias de participação para a construção coletiva, resistência do discurso hegemônico, buscando estimular o debate e a participação” (BERTOLDI, 2008, p.01).

Nesse sentido percebe-se que o desenvolvimento passa pelo respeito, apropriação, participação e crescimento individual através de constantes mudanças pessoais para que o indivíduo se torne protagonista de sua vida e construa sua história em conjunto com a sociedade, ou seja, o associado precisa do *empowerment*<sup>18</sup>, como ressalta os ensinamentos de Freire.

Utilizando os ensinamentos de (FREIRE 1981), alcança-se o “*empowerment*” quando os técnicos extensionistas e a população dita beneficiária interagem em uma relação do tipo horizontal (sujeito-sujeito), de diálogo e respeito pelos diferentes saberes, enquadrada em um contexto geral no qual ambas as partes são criticamente conscientes da situação e da necessidade de atuar para transformar essa situação. (MACHADO, HEGEDŪS e SILVEIRA, 2006, p. 646).

A Coopar possui técnicos agrícolas que dão assistência aos produtores associados, realizando acompanhamentos de algumas lavouras, para estudos e testes de novas variedades ou práticas agrícolas. Os produtores estão buscando cada vez mais os serviços de assistência

---

<sup>18</sup> O *empowerment* parte do pressuposto de construir com as pessoas para que cada um possa tomar decisões e participar ativamente da organização.

técnica e está havendo avanços. Como exemplo, podem-se citar as lavouras de teste e de demonstração para os dias de campo. De um modo geral a Coopar acompanha essas lavouras desde o começo, juntamente com as empresas patrocinadoras que são as que trazem as inovações de insumos e sementes. Uma vez organizados os experimentos, os produtores são convocados para acompanhar o dia de campo, onde são demonstrados os processos que foram empregados nesta área e os resultados obtidos.

Como a Coopar tem muitos produtos (insumos agrícolas) para comercialização aos associados e com o trabalho de assistência dos técnicos acabam tendo uma relação e uma convivência mais estreita. A Coopar é vista por muitos produtores como um referencial, portanto, tem a preferência desses, tanto para a aquisição de produtos como para a comercialização de suas produções. Desta maneira, a cooperativa serve de referência e tende a ser sempre consultada antes sobre seus preços e as condições de pagamentos para depois buscar os preços de outros fornecedores ou compradores, para definir com quem irão negociar.

Essa convivência e construção de conhecimento entre associados e a cooperativa é uma via de mão dupla, tanto da Coopar para o associado, quanto do associado para a Coopar. O melhoramento da qualidade de vida dos produtores passa pela discussão de alternativas locais que promovam o desenvolvimento da comunidade, demonstrando a possibilidade de reconstruir a agricultura a partir da união do conhecimento técnico com o conhecimento local na busca do equilíbrio econômico, ambiental, social e cultural.

Neste sentido, a Coopar tem um trabalho conjunto com outras organizações. Como foi apresentado na caracterização da Coopar, através desse trabalho, estão tornando conhecidas novas formas de cultivo e de organização (mobilização), tendo uma conscientização da população para os outros aspectos sociais e ambientais, não considerando só o econômico na busca do desenvolvimento sustentável.

Os produtores se reúnem em pequenos grupos em determinadas localidades, através das associações, para ouvir, falar e opinar sobre a atual conjuntura, dificuldades e novas oportunidades. Esses encontros, à troca de informação ocorre de forma mais intensa, por se tratar de pequenos grupos e com encontros mais frequentes para a discussão, fazendo com que os representantes dessas associações interagem de forma mais intensa com a Coopar e demais organizações, que também já foram apresentados anteriormente, através das reuniões do Capec<sup>19</sup>.

---

19 Capec – Conselho Agropecuário do Município de São Lourenço do Sul

Nesses encontros os representantes das associações se apropriam das reivindicações e levam para discussão no Capec. O conselho reúne todas as entidades representativas da classe rural, inclusive a Administração Municipal e os representantes de aproximadamente 64 associações de trabalhadores rurais e na reunião seguinte é discutido o que foi comentado e/ou definido pelo Capec.

Através de todas essas interações é que são construídas coletivamente as mudanças, assim como a defesa do que não pode ser mudado. Para os associados entrevistados as mudanças vão além da incorporação de novas técnicas ou tecnologias para a produção, mas passa principalmente pela construção e fortalecimento da identidade de agricultores e de sua importância, motivando-os a permanecer nesse ramo.

#### 6.5. PERCEPÇÃO DOS ASSOCIADOS DA COOPAR

Em diversos questionamentos aos associados referente à visão que eles têm dessa instituição apareceram diferentes opiniões de potencialidades para uns e limitações para outros. “Não há uma única forma de pensar e interpretar o mundo que seja cabível a uma sociedade, existem diversas maneiras de pensar e ver o mundo, e não se ignora que em um mesmo indivíduo coexistem várias formas de pensar distintas ou contraditórias” (CHARTIER, 2006, *apud* FACHIN, 2009, p. 74).

As potencialidades na percepção dos associados entrevistados são: ela (cooperativa) ajuda muito os associados, principalmente na comercialização de insumos e escoação da produção, ela deve trabalhar “em benefício dos associados para manter a estrutura de pé”, “tem um bom atendimento”, “se não fosse ela seria pior”, pois “quase não existem outros compradores”; a “possibilidade de armazenar a produção para esperar melhores preços para a venda”, “tem tudo o que precisa para produzir lá”, como é “administrada por agricultores se identifica com eles”, faz o papel da cooperativa (luta pela causa dos agricultores), as sobras podem ser reinvestidas em projetos de desenvolvimento.

Na percepção dos associados entrevistados, as principais limitações mencionadas são: “poderia apresentar melhores preços”; ela “está muito ligada ao grande produtor, quando seu maior número de associados é de pequenos produtores”; “já é quase uma empresa e tem que fortalecer mais o cooperativismo”; deveria dar mais assistência técnica, inclusive em relação à preservação dos recursos naturais; falta um relacionamento mais forte entre a

cooperativa e o associado; “as sobras deveriam ser repassadas nas assembleias”; “ela cresceu tanto que os produtores já não têm mais espaço dentro dela”; as diferenças nos preços pagos dependendo da quantidade, principalmente para o leite e o milho, onde os grandes produtores recebem melhores preços que os pequenos, “do que adianta uma cooperativa rica se os produtores estão sempre pobres; falta interesse de participar por parte dos associados”.

Considerando as diferentes opiniões apresentadas percebe-se uma divergência de opinião a respeito da destinação das sobras (lucros) anuais. Alguns associados consideram uma limitação o fato da Coopar nunca ter distribuído parte das sobras. Já outros consideram como isso uma potencialidade, pois como não daria um valor considerável individualmente, já para a Coopar é um montante expressivo e que pode ser utilizado para “manter a estrutura de pé” e para ser “reinvestida em projetos de desenvolvimento”. Alguns acham que as sobras poderiam ser distribuídas em um ano para ver como ficaria; outros pensam que os sócios mais antigos, que ajudaram a Coopar crescer, deveria receber uma parte maior das sobras. Por fim, há os que acham que as sobras não poderiam ser tão expressivas e que a Coopar deveria trabalhar com uma margem menor sobre os produtos.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fortalecimento do cooperativismo tende a trazer benefícios aos cooperados e a sociedade local, é economicamente mais vantajosa por poder oferecer produtos com menores preços e maior qualidade através do poder de barganha e de um maior acesso a tecnologias e infraestruturas que são rateadas por todos. Além de incentivar a união entre as pessoas e o verdadeiro desenvolvimento local, contribui para preservar a cultura de uma região, fazendo da propriedade de cada um, não só uma fonte de recursos financeiros, mas sim sua casa, seu lar, preservando suas origens para poder repassar para os filhos e netos.

A realização desta pesquisa objetivou caracterizar como se dão as relações sociais entre os associados e a cooperativa, visualizando as limitações (dificuldades) e potencialidades (oportunidades), bem como as mudanças para os associados decorrentes da apropriação das informações disponibilizadas e discutidas com essa organização.

Nesse sentido é inegável as potencialidades e vantagens do cooperativismo, sobretudo quando busca a construção e transformação dos associados, para que estes se tornem atores sociais e que tenham a possibilidade de escrever sua própria história. É evidente que o contexto governamental, social e mundial dita regras, tendências e padroniza muitas situações, mas o sentimento de solidariedade fortalecido pelo cooperativismo permite que juntos, com objetivos bem definidos, culturas parecidas e necessidades semelhantes possibilitem muitas modificações no contexto local.

De um modo geral as sociedades modernas são dinâmicas, muito propensas a mudanças no tempo e no espaço, portanto as inferências sobre qualquer tema que envolve recursos humanos precisam ser relativizadas. Feito essa consideração, é possível reiterar o número significativo de benefícios proporcionados pela Coopar. Entre estes se destacam principalmente os aspectos de comercialização de insumos, a escoação da produção e o crescimento estrutural beneficiando diferentes produções, como: o beneficiamento do feijão orgânico e convencional, da secagem e armazenagem da soja e milho, bem como o beneficiamento do leite.

A Coopar tem trabalhado no sentido de alavancar novos mercados para os produtos locais, com isso ela se torna um importante canal de comercialização na região. Em linhas gerais, a comercialização é um dos principais gargalos do setor primário de São Lourenço do Sul. A inserção no PAA, Fome Zero, Alimentação escolar e o beneficiamento de diversos produtos, mas principalmente a agregação de valor a esses produtos seria muito difícil para os

pequenos produtores de maneira individual. Assim, através do sistema cooperativista este acesso ficou mais facilitado.

De um modo geral, a Coopar concentrou esforços no crescimento estrutural e econômico, ao mesmo tempo em que estão pouco preparados para atender os recursos humanos, no caso, seus associados. Assim, se por um lado os associados não têm o espaço que deveriam ter, por outro, percebe-se uma falta de interesse por parte deles em participar ativamente. Porém, considerando as questões centrais do cooperativismo, é papel da cooperativa incentivar, mobilizar e trabalhar no sentido de articular conjuntamente com seus associados o crescimento da cooperativa, assim como ações que impulsionem o desenvolvimento local e regional.

Se por um lado esta pesquisa abarcou a percepção dos produtores acerca de temas importantes de interesse dos associados em si, da cooperativa e do desenvolvimento regional; por outro, fica a indicação de novos estudos, pois o tema cooperativismo é muito complexo e demanda diversos estudos para discutir as diferentes visões que esse tema, por ter um aspecto subjetivo, pode apresentar.

Para qualquer instituição, seja ela de natureza pública ou privada é importante a percepção dos demais agentes constituintes do sistema. Neste contexto, para a cooperativa fica um panorama do que seus associados entendem e/ou desejam que seja melhorado. A percepção dos entrevistados aponta no sentido de que existem potencialidades que podem ser mais bem exploradas. Por outro lado também apontam limitações que, no entanto, em larga medida são passíveis de ser corrigidas. Neste sentido sugere-se aos dirigentes que olhem com carinho esses pontos, mas principalmente os aspectos relacionados a um incentivo para uma maior participação dos associados para uma construção coletiva. Como sugestão aos associados, considerando que, a cooperativa é o retrato de seu quadro social, seria importante uma participação mais ativa, pois é dever e direito de cada um participar ativamente e se apropriar do que está acontecendo internamente, uma vez que todos respondem juntos tanto pelo fracasso quanto pelo sucesso da instituição.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **O Capital social dos territórios: repensando o desenvolvimento rural.** Departamento de Economia (FEA/USP) e Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental USP. Disponível em: <<http://www.sep.org.br/artigo/ivcongresso66.pdf>>. Acesso em: 10/08/2010.

ABRAMOVAY, Ricardo; MAGALHÃES, Reginaldo; e SCHRODER, Mônica. **Representatividade e inovação na governança dos processos participativos: o caso das organizações Brasileiras de agricultores familiares.** Sociologias vol.12 n°.24 Porto Alegre maio/ago. 2010.

ALMEIDA, Jalcione. **O enfoque sistêmico e a interpretação dos processos sociais rurais: usos "redutores" de um pretense paradigma "holístico".** Redes, Santa Cruz do Sul, vol. 8, n. 1, jan./abr. 2003.

ANDRIOLI, Antônio Inácio. **A importância da solidariedade na sociedade.** Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos906/cooperativismo-resistencia/cooperativismo-resistencia.shtml>>. Acessado em 08.12.2010.

Banco central do Brasil. **RESOLUÇÃO Nº 3.559 de 28.03.2008.** Disponível em:<[http://www.fetags.org.br/nx/download/pol\\_agricola/RESOLUCAO3559.pdf](http://www.fetags.org.br/nx/download/pol_agricola/RESOLUCAO3559.pdf)>. Acesso em: 20.06.2010.

BARBOSA, Gabriel José; GUIMARÃES, Gregório Corrêa; FRANCIS, David George. **Avaliação das Associações rurais no município de Monte Carmelo – MG entre 1999 e 2001.** Disponível em: <[http://www.agronline.com.br/agrociencia/pdf/public\\_32.pdf](http://www.agronline.com.br/agrociencia/pdf/public_32.pdf)>. Acesso em: 20/11/2010.

BERTOLDI, Christiane Rodrigues Congro. **Idéias de Paulo Freire discutidas durante Regiocom (14/11/08).** Disponível em: <[http://www.cpact.embrapa.br/imprensa/noticias/141108\\_b.php](http://www.cpact.embrapa.br/imprensa/noticias/141108_b.php)>. Acessado em 08/12/2010.

BORK, Flávia Suzana. **Relatório de estágio realizado na Coopar – Cooperativa Mista de Pequenos Agricultores da Região Sul LTDA. Boa Vista – São Lourenço do Sul – RS.** UFRGS, 2010. Disponível em: <<http://moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/assignment/view.php?id=63121>>. Acessado em: 10/12/2010

CARDOSO, Fernanda Simplício. **Vínculos sociais e subjetividade: um estudo de caso de duas cooperativas populares de Minas Gerais.** 2009. 131 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Administração, Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, 2009. Disponível em: <[http://bdtd.ufla.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=2557](http://bdtd.ufla.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2557)>. Acesso em: 21/01/2011.

COSTA, Jairo Scholl. **São Lourenço do Sul Cem Anos.** 1ªed. São Lourenço do Sul: Corag,1984. 185p.



EMBRAPA. **Circular Técnica 52. O estudo dos Solos do município de São Lourenço do Sul.** Pelotas 2006. Disponível em: <[www.embrapa.com.br](http://www.embrapa.com.br)>. Acessado em: 20/05/2010.

FACHIN, Rosicléia. **Cooperados e cooperativa nas representações e práticas na Coasul Cooperativa Agroindustrial.**2009. 115 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009. Disponível em: <[http://www.bicen-tede.uepg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=293](http://www.bicen-tede.uepg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=293)>. Acesso em: 22/01/2011.

FREITAS, Alair Ferreira de; SAMPAIO, Danilo de Oliveira; MÁXIMO, Marina Silveira; FREITAS, Alan Ferreira de. **A prática institucional da participação em cooperativas: uma estratégia de organização do quadro social.** Apresentação Oral-Instituições e Desenvolvimento Social na Agricultura e Agroindústria; 47º Congresso da SOBER 26 a 30 de julho de 2009. Porto Alegre/RS

GERHARDT, Tatiana Engel; e SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de Pesquisa.** Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica - Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, 120p.

GIOVANELA, Adriana. **A relação entre modelo organizacional e a efetividade de projetos de natureza pública:** um estudo de caso da Associação do Agronegócio de Timbó, SC, no período de 2000 a 2008. 2009. 98 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Administração, Departamento de Centro de Ciências Sociais Aplicada, Fundação Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2009. Disponível em: <[http://proxy.furb.br/tede/tde\\_arquivos/2/TDE-2009-08-25T070603Z-535/Publico/Diss%20Adriana%20Giovanela.pdf](http://proxy.furb.br/tede/tde_arquivos/2/TDE-2009-08-25T070603Z-535/Publico/Diss%20Adriana%20Giovanela.pdf)>. Acesso em: 13/12/2010.

HENRIQUES, Maria A. **Uma alternativa associativa para o desenvolvimento rural?** In: Anais... 1º Congresso de Estudos Rurais, 16 a 18 de setembro de 2001, Vila Real, Portugal. Vila Real: Departamento de economia e Sociologia/UTAD; Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais, SPER, 2001.

HILSINGER, Roni. **Os efeitos do pronaf no setor primário de São Lourenço do Sul, RS - 1996/2006.**2007. 231 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <[www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12505](http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12505)>. Acesso em: 03/10/2010.

HOLZ, Clarisse Rosa; KÖNZGEN, Lidia Lisboa. **Geografia e História de São Lourenço do Sul.** 2003. Pág 62.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 15.12.2010.

LENGLER, Letícia. **Sustentabilidade, empreendedorismo e cooperação em associações de apicultores gaúchos:** Uma análise dos gestores – associados.2008. 180 f. Dissertação (Mestre) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Centro de Estudos e Pesquisas em Agronegócios. Programa de Pós-Graduação em Agronegócios, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12762>>. Acesso em: 03/10/2010.

LOPES, Roberta. **Cooperativas de agricultura familiar querem mais recursos e nova legislação para o setor**. Disponível em: [http://www.cooperaremporugues.org/apcaacooperaremporugues/home/noticias\\_so.html?SLICE\\_ID=b6cf9dd4b7ad7f0ffe3f965a4c625679](http://www.cooperaremporugues.org/apcaacooperaremporugues/home/noticias_so.html?SLICE_ID=b6cf9dd4b7ad7f0ffe3f965a4c625679)>. Acesso em: 05/10/2010.

MACHADO, João A. D.; HEGEDŪS, Pedro de; SILVEIRA, Laurício B. da. **Estilos de relacionamento entre extensionistas e produtores: desde uma concepção bancária até o "empowerment"**. Rev. Ciência Rural, Santa Maria, v. 36, n. 2, p. 641-7, mar-abr, 2006.

MAIA, Cláudio Machado. **Cronologia da luta pela sustentabilidade: panorama internacional**. Texto escrito para a disciplina Agricultura e Sustentabilidade – DERAD008. Disponível em: <https://moodleinstitucional.ufrgs.br/mod/resource/view.php?inpopup=true&id=16425>>. Acesso em: 10/11/2010.

MAGRI, Cledir A. O direito humano ao desenvolvimento e a agricultura familiar. In: RISSON, Cláudio; JUNIOR, Egon Gabriel; e PAULI, Jandir (Org.). **Desenvolvimento, democracia e gestão do crédito: a agricultura familiar em debate**. Passo Fundo: IMED, 2009. 342p.

MAUREL, M. C. Das Trajetórias às Estratégias Fundiárias. In: LAMARCHE, H. (Org.). **A Agricultura Familiar: comparação internacional. Do mito à realidade**. Campinas: UNICAMP, 1998. p. 89-117.

MARASCHIN, Ângela de Faria. **As relações entre produtores de leite e cooperativas: um estudo de caso na bacia leiteira de Santa Rosa - RS**. 2004. 146 f. Dissertação (Mestre) - Curso de Desenvolvimento Rural, Departamento de Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: [www.sober.org.br/palestra/12/04O207.pdf](http://www.sober.org.br/palestra/12/04O207.pdf)>. Acesso em: 03/12/2010.

PAULI, Jandir. Os desafios da CRESOL na Gestão do Desenvolvimento Rural e do Cooperativismo de Crédito. In: RISSON, Cláudio; JUNIOR, Egon Gabriel; e PAULI, Jandir (Org.). **Desenvolvimento, democracia e gestão do crédito: a agricultura familiar em debate**. Passo Fundo: IMED, 2009. 342p.

PEDROSO, Ízula Luiza Pires Bacci; JUNIOR, João Cleps. **Produção Familiar e Associativismo: modos de vida e reprodução socioeconômica da comunidade rural de Taquaruçu Grande - Palmas (TO)**. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v.3, n. 5, p. 162-194, fev. 2008.v

PEREIRA, Edinéia Aparecida. **Qualidade Percebida dos serviços prestados por uma cooperativa de crédito rural**. Dissertação (Mestre) – Programa de Pós Graduação em Administração, Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, 2008. Disponível em: [http://bdtd.ufla.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1571](http://bdtd.ufla.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1571)>. Acesso em: 22/01/2011.

POMERANO. **Embalagem do leite em pó integral Pomerano**, fabricado em 30/12/2010.

RISSON, Cláudio. Introdução. In RISSON, Cláudio; JUNIOR, Egon Gabriel; e PAULI, Jandir (Org.). **Desenvolvimento, democracia e gestão do crédito: a agricultura familiar em debate**. Passo Fundo: IMED, 2009. 342p.

ROSALEM, Vagner; e SILVA, Edson Arlindo. **A Percepção dos Cooperados Acerca da Gestão de Cooperativas:** Um Estudo em Uma Cooperativa de Granjeiros. Disponível em: [http://professores.aedb.br/seget/artigos08/46\\_A%20Percepcao%20dos%20Cooperados%20Acerca%20da%20Gestao%20de%20Cooperativas%20Um%20Estudo%20em%20Uma%20Cooperativa%20de%20Granjeiros.pdf](http://professores.aedb.br/seget/artigos08/46_A%20Percepcao%20dos%20Cooperados%20Acerca%20da%20Gestao%20de%20Cooperativas%20Um%20Estudo%20em%20Uma%20Cooperativa%20de%20Granjeiros.pdf). Acessado em: 03/01/2011.

SABOURIN, Eric; TEIXEIRA, Olívio. Desenvolvimento rural territorial e capital social. In: SABOURIN, E.; TEIXEIRA, O. (orgs) **Planejamento do desenvolvimento dos territórios rurais:** conceitos, controvérsias e experiências. Brasília-DF: UFPB/CIRAD/EMABRAPA, 2002. p. 113-128.

SCHNEIDER, José Odelso. **Globalização, Desenvolvimento local sustentável e cooperativismo.** Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas. Instituto Humaitás/UNISINOS. Disponível em: <http://www.neticoop.org.uy/IMG/pdf/dc0380.pdf>. Acesso em: 10/11/2010.

SCHRÖDER, Mônica. **Cooperativas de Crédito da Agricultura Familiar, inovações institucionais e acesso a serviços financeiros:** o caso do sistema Cresol, no sul do Brasil. XLIII Congresso da Sober “Instituições, Eficiência, Gestão e Contratos no Sistema Agroindustrial”. Ribeirão Preto, 24 a 27 de Julho de 2005 Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural). Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/2/934.pdf>. Acesso em: 14/12/2010.

SEBRAE MG. **Cultura da Cooperação.** Disponível em: <http://www.sebraeminas.com.br/culturadacooperacao/index.htm>. Acesso em: 12/12/2010.

SETTE, Ana Tarsila de Miranda e Souza; SETTE, Ricardo de Souza; SOUZA, Magno de. **Visões de associados e dirigentes na valorização da informação:** O caso de uma cooperativa cafeeira. XLIII Congresso da SOBER “Instituições, Eficiência, Gestão e Contratos no Sistema Agroindustrial” Ribeirão Preto, 24 a 27 de Julho de 2005. Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural.

SILVA, Emanuel Sampaio Silva; SALOMÃO, Inessa L.; MCLNTYRE, Jimmy Peixe McIntyre; GUERREIRO, João; PIRES, Maria Luiza Lins e Silva; ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto; BERGONSI, Sandra S.S.; e VAZ, Sidney da Conceição. **Panorama do cooperativismo brasileiro:** História, cenários e tendências. Região Cone Sul (parte norte) UniRcoop. Vol. 1, # 2, 2003. 75 á 102.

SOUZA, Armando L.; FILIPPI, Eduardo E. **Desenvolvimento rural na perspectiva da relação Estado e Mercado.** In: Anais... XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, Rio Branco (AC), 20 a 23 de julho de 2008. Rio Branco: SOBER, 2008.

TIBÚRCIO; César. **Arquivo da categoria Carona Freerider.** 29/06/2007. Disponível em: <http://cesartiburcio.wordpress.com/category/carona-free-rider/>. Acessado em: 10/01/2011.

TOSINI, Maria de Fátima Cavalcanti; BASTOS, Alexandre Martins. **Governança cooperativa:** as funções de fiscalização e controle em cooperativas de crédito no Brasil. RCO - Revista de Contabilidade e Organizações. *versão On-line* ISSN 1982-6486. RCO v.4 n.2 São Paulo set./dez. 2008. Disponível em:

<[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S198264862008000400005&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S198264862008000400005&script=sci_arttext&tlng=es)>. Acessado em: 20.01.2011.

VANDERLINDE, Sebastião. Condições “Ideais” para a implantação de cooperativas de crédito. In: RISSON, Cláudio; JUNIOR, Egon Gabriel; e PAULI, Jandir (Org.).

**Desenvolvimento, democracia e gestão do crédito: a agricultura familiar em debate.** Passo Fundo: IMED, 2009. 342p.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes Históricas do campesinato Brasileiro.** XX Encontro Anual da ANPOCS.GT 17. Processos Sociais Agrários. Caxambu, MG. Outubro 1996

WOJAHN, Ellemar e MARTINEZ, Ernesto. **A Cultura da cooperação na agricultura familiar.** Pelotas: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 2008. 44p.

WOJAHN, Ellemar e RECH, Carla (Org.). **Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável:** Território da Cidadania Zona Sul do Estado do Rio Grande do Sul. – Pelotas: Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, 2009. 68p.

## APÊNDICE

A - FOTOS DA COOPAR: para uma melhor ilustração da infraestrutura.

Foto do prédio administrativo e de comercialização da Coopar



Fonte: Foto tirada pela autora em 08.03.2011

Foto do prédio com área de alimentação e depósito da Coopar.



Fonte: Foto tirada pela autora em 08.03.2011

Foto do prédio de recepção, secagem e armazenamento de grãos.



Fonte: Foto tirada pela autora em 08.03.2011



Foto do Posto de Combustível Megapetro



Fonte: Foto tirada pela autora em 08.03.2011

Foto do Quiosque.



Fonte: Foto tirada pela autora em 08.03.2011

Foto da Usina de Leite Pomerano



Fonte: Foto tirada pela autora em 08.03.2011

B - ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE PESQUISA – Avaliação da Coopar  
ANO2010/2011

---

IDENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

( ) Associado ( ) Cônjuge ( )Filho(a) ( ) Pais ( ) Outro:\_\_\_\_\_ ( ) M ( ) F

Cód.:\_\_\_\_\_

Localidade/Distrito:\_\_\_\_\_

Telefone:\_\_\_\_\_

Distância da Coopar: \_\_\_\_\_

Entrevistadora: Flávia Suzana Bork\_\_\_\_\_ Data : \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

2. Qual a escolaridade dos membros da família

Associado:

Cônjuge:

Filhos:

3. Algum membro da família recebe aposentadorias, ou outro rendimento não proveniente da agricultura? Se Sim, Qual o valor?

4. Área da propriedade:

5. Situação fundiária

( ) própria ( ) Arrendada ( ) Parceria ( ) Outra, especificar\_\_\_\_\_

6. Principais atividades agrícolas desenvolvidas na propriedade?

( ) leite; ( ) batata; ( ) milho; ( ) soja; ( ) feijão; ( ) fumo; ( ) criação de animais;

( ) hortaliças; ( ) outros\_\_\_\_\_

7. Essa produção é convencional ou orgânica?

8. Desenvolve alguma atividade não-agrícola? Se sim, qual?

9. Acessou crédito nos últimos 5 anos?

( ) custeio ( ) Investimento ( ) comercialização ( ) Outros

10. Há quanto tempo é associado da coopar?

11. Porque se associou na Cooperativa (utilizar escala 1 = não é importante; 2= pouco importante; 3= razoavelmente importante; 4= Importante; 5= Muito importante)

( ) conseguir preços melhores

( ) ter maior facilidade de comercialização

( ) ter maior facilidade na aquisição de insumos

( ) acesso a assistência técnica

ter acesso a distribuição de sobras no final do ano

porque o pai já era sócio

outros motivos, quais \_\_\_\_\_

12. Você faz (ou fez) parte da Administração da Coopar (conselheiro, fiscal, presidente...)?

Por quanto tempo? Tens interesse em participar da administração. Por quê?

13. Quais são as vantagens que você percebe sendo associado da Coopar?

14. Quais as desvantagens que você percebe sendo associado da Coopar?

15. Em que atividades da Coopar você participa e com que frequência?

16. A cooperativa proporciona palestras e dias de Campo?

17. Se sim, que tipo de informação, mais relevantes, em sua opinião, são discutido nas palestras ou dias de campo?

18. Como se dá esse processo de troca de informações entre a Coopar e os associados? Concorda com esse processo? Se não, qual sugeriria?

19. Essas informações discutidas nesses eventos são aplicadas na sua propriedade? Como?

20. Porque você participa (ou não) das atividades?

21. Você conhece o estatuto da Coopar?

Muito bem       Somente algumas partes       Não

22. Você conhece seus conselheiros?

Sim, todos       Sim, alguns       Não

23. Você considera que a Coopar representa seus interesses? Por quê?

Sim     Não

24. Na sua opinião, quem decide os rumos da Coopar ?

Os produtores, através da assembleia     Conselho     Dirigentes

25. Quando você tem a opção de negociar com a Coopar ou com outra empresa, qual você prefere? Por quê?

26. E se as condições do negócio forem melhores na outra empresa, o que você faz? Por quê?

27. Na sua opinião, qual deve ser o objetivo da Coopar como instituição?

28. Aquisição de insumos

Produto	Destino	Onde compra	Crítérios da compra



29. Venda de Outros produtos e sub produtos

Produtos	Para quem vende	Critérios para a venda

TOMADA DE DECISÃO

30. O que leva ou poderia levar você a trabalhar mais (compra e venda) com a Coopar. 1 = nada importante; 2= pouco importante; 3 = mais ou menos; 4 = importante; 5 = muito importante

Melhores preços ( )1 ( )2 ( )3 ( )4 ( )5

Aumento da produtividade ( )1 ( )2 ( )3 ( )4 ( )5

Melhores formas de pagamento ( )1 ( )2 ( )3 ( )4 ( )5

Mudanças na Coopar ( )1 ( )2 ( )3 ( )4 ( )5

31. Tomada de decisão na Coopar 1 = nunca; 2= as vezes; 3 =muitas; 4 = todas

Vais às reuniões da Coopar ( )1 ( )2 ( )3 ( )4

Participa ativamente dessas reuniões, questionando os resultados

( )1 ( )2 ( )3 ( )4

32. Com quem conversa sobre os aspectos técnicos da unidade de produção?

33. Como fica sabendo dos preços de insumos e para a comercialização dos produtos?

34. O que achas dos critérios da Coopar quanto a divisão dos lucros?

C - TERMO DE CONSENTIMENTO.

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO  
Trabalho de Conclusão de Curso  
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS

NOME: \_\_\_\_\_

RG/CPF: \_\_\_\_\_

Este Consentimento Informado explica o Trabalho de Conclusão de Curso “Cooperativismo: A visão dos produtores associados na Cooperar – Cooperativa Mista de Pequenos Agricultores da Região Sul” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do Trabalho de Conclusão de Curso “Cooperativismo: A visão dos produtores associados na Cooperar – Cooperativa Mista de Pequenos Agricultores da Região Sul” – do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, que tem como objetivo ”caracterizar como se dão as relações sociais entre os associados e a cooperativa, visualizando as limitações (dificuldades) e potencialidades (oportunidades), bem como as mudanças para os associados decorrentes da apropriação das informações disponibilizadas e discutidas com essa organização. Já os objetivos específicos utilizados para fundamentar a análise do objetivo geral são: apresentar uma revisão bibliográfica sobre cooperativismo; apresentar o município e seus aspectos históricos, culturais e geográficos para tentar entender os processos sociais que ocorrem; caracterizar as relações sociais existentes entre os associados e a Cooperar para apresentar as limitações e potencialidades dessas relações nos processos de participação que ocorrem”.

A minha participação consiste na recepção da aluna “Flávia Suzana Bork” para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um Trabalho de Conclusão de Curso escrito pelo aluno. Para isso, ( ) AUTORIZO / ( ) NÃO AUTORIZO a minha identificação.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura \_\_\_\_\_

São Lourenço do Sul, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2011.